

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: TRADIÇÕES LIBERTÁRIAS QUE
REFAZEM A VIDA PÚBLICA E TRANSFORMAM O PROCESSO SOCIAL DE
ENVELHECIMENTO**

YASMIN DE PAIVA REZENDE

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: TRADIÇÕES LIBERTÁRIAS QUE
REFAZEM A VIDA PÚBLICA E TRANSFORMAM O PROCESSO SOCIAL DE
ENVELHECIMENTO**

YASMIN DE PAIVA REZENDE

Sob a Orientação da Professora

Adriana Amaral Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço Social
da Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, como parte das exigências para
obtenção do título de bacharel em Serviço
Social.

Seropédica, RJ.
Março de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R467a Rezende, Yasmin de Paiva, 1995-
ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: TRADIÇÕES LIBERTÁRIAS
QUE REFAZEM A VIDA PÚBLICA E TRANSFORMAM O PROCESSO
SOCIAL DE ENVELHECIMENTO / Yasmin de Paiva Rezende. -
Seropédica, 2023.
66 f.

Orientadora: Adriana Amaral Ferreira. Trabalho
de conclusão de curso(Graduação). -- Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Serviço Social, 2023.

1. Envelhecimento. 2. Memória. 3. Tradições de
resistência. 4. Crítica do capital. I. Ferreira,
Adriana Amaral, 1980-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Serviço Social III.
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL



ATA Nº 1541 / 2023 - CoordCGSS (12.28.01.00.00.00.04)

Nº do Protocolo: 23083.016757/2023-42

Seropédica-RJ, 20 de março de 2023.

Yasmin de Paiva Rezende

**ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: TRADIÇÕES LIBERTÁRIAS QUE
REFAZEM A VIDA PÚBLICA E TRANSFORMAM O PROCESSO SOCIAL DE
ENVELHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Serviço Social**, pelo Curso de Graduação em Serviço Social do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Data de aprovação: 08 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Adriana Amaral Ferreira
Orientadora - Presidenta (DEDH/UFRRJ)

Profa. Dra. Liliane Barreira Sanchez
Membro interno (DTPE/UFRRJ)

Profa. Mestra Monique Lima de Oliveira
Membro externo (UNICAMP)

(Assinado digitalmente em 21/03/2023 09:11)
ADRIANA AMARAL FERREIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHOT (12.28.01.00.00.00.10)
Matricula: 1783266

(Assinado digitalmente em 21/03/2023 15:08)
LILIANE BARREIRA SANCHEZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matricula: 1719162

(Assinado digitalmente em 21/03/2023 12:07)
MONIQUE LIMA DE OLIVEIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 090.143.667-44

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1541**, ano: **2023**, tipo: **ATA**, data de emissão: **20/03/2023** e o código de verificação: **be98708e8c**

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que passaram por minha vida e deixaram um pouco de si, permitindo me ousar voar. Minhas Avós Julia e Elce que me inspiraram com suas histórias em vida, obrigada pelo legado deixado em mim, amor e memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me reerguer sempre que estava caída e desanimada sem forças para continuar com a escrita desse trabalho e também perante a situações adversas, iluminando meu caminho e revigorando minhas forças para prosseguir. Concedendo-me sabedoria e discernimento, a Ti dou honras e louvores Pai.

Agradeço aos meus pais por confiarem em meu potencial e dedicarem a vida de vocês para minha criação, vocês acreditaram em mim em 2017 quando nem eu confiava que conseguiria ingressar em uma Universidade Federal e possibilitaram meu ingresso em uma nova jornada para estudar na UFF em Campos dos Goytacazes onde minha história com o Curso Serviço Social começou. Vocês são meu braço direito, me oferecem colo em dias nublados e conturbados, minha eterna gratidão por tanto. Agradeço a minha querida irmã por todo incentivo ofertado, obrigada por estar sempre comigo nessa jornada da vida.

Minhas companheiras de curso Juliana Russo e Victória Cristina que seguraram e seguram minhas mãos nesses últimos 5 anos de jornada, obrigada por serem meu abrigo nos dias chuvosos.

Aos meus familiares de um modo geral que sempre torceram por mim e ofereceram o suporte necessário para que eu prosseguisse, as minhas avós paterna e materna que vieram a falecer meio a escrita desse trabalho, o meu obrigada por compartilharem comigo todas suas histórias de vida repletas de experiência, rezas e prosas.

A minha estimada orientadora Adriana, sou grata por suas falas em sala de aula, você mudou minha vida. No dia 09 de março de 2020 nossa única aula antes de passarmos pelo período turbulento da COVID-19, na disciplina de Pesquisa Social foi dito “Tenham amor pelo tema” “Que tenha pulção e gosto pelo assunto” e com isso confirmei minha paixão pelo envelhecimento, meu muito obrigada.

E por fim agradeço as idosas institucionalizadas na Instituição de longa permanência Asilo Lar das Anciãs no município de Paracambi - Rio de Janeiro, gratidão.

*Quando eu era criança. Quando eu era adolescente,
Os livros me salvaram do desespero
Me convenceram de que a
Cultura era o mais alto dos valores
(Simone de Beauvoir)*

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de reflexão o crescente número de pessoas que estão envelhecendo e os enfrentamentos que são postos ao decorrer deste processo, problematizando os tempos de barbárie, alienação e o condicionamento das relações capitalistas no processo do envelhecimento e reconhecendo a velhice como categoria social. Discorreu-se criticamente quanto à maneira que ocorre a construção de tal categoria na sociedade, com a finalidade de se compreender as experiências de resistência que produzem tradições libertárias, refazem a vida pública e transformam o processo social de envelhecimento, a partir de experiências narráveis, cuja base material é produzida nos ensaios de resistência libertária, rica de sentidos. Nesse processo cultural transformador, os ancestrais formam-se narradores, transmitem tradições libertárias, como base como forma de crítica do presente para a produção de um futuro emancipado, rico em experiências narráveis, livres, conscientes, criadora de vida pública, dignas de serem transmitidas.

Palavras-chaves: Envelhecimento; Memória ancestral; Tradições de resistência; Crítica do capital; Experiência emancipatória

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O SER ENVELHECIDO: GUARDIÃO DE MEMÓRIA.....	14
2.1 Experiência e formação de narradores	19
2.2 Tradições, memória e transmissão	22
3 PERDA DA VIDA PÚBLICA E ENVELHECIMENTO: PROCESSOS DA VIDA SOCIAL CENTRADA NO TRABALHO	27
3.1 Crítica do processo de envelhecimento no capitalismo	27
3.2 Feminização da velhice.....	35
3.3 As diferentes formas de envelhecer no mundo capitalista.....	38
4 TEMPOS DE RESISTÊNCIA FRENTE À PERDA DA VIDA COMUNITÁRIA.....	42
4.1 Experiência poética e resistência emancipadora.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

1 INTRODUÇÃO

O que é o envelhecimento? Indagar sobre o que é ser velho¹ é de suma importância para analisarmos como vem sendo construída a velhice em nosso meio social. Ouve-se tanto falar sobre a chegada dessa fase da vida, que acreditamos conhecer o significado e não damos tanta importância para esse momento. Logo, nos deparamos com uma construção deturpada que fora posta para o ser envelhecido. A velhice, em nossa sociedade, é definida em grande parte através dos olhares de terceiros. Isto é, as pessoas que estão de fora tendem a mudar seus comportamentos conforme a comunidade envelhece. Melhor dizendo, quem está envelhecendo continua “igual”, porém ocorre um incômodo por parte de uma parcela da população que não está vivenciando essa etapa da vida, sucedendo uma mudança na maneira de tratamento para com os mais velhos. Como as pessoas se posicionam ao envelhecer? Por exemplo, qual sentimento é despertado quando vemos um retrato de alguém velho, com marcas de expressões pela face?

O envelhecimento na contemporaneidade está vivenciando traços e expressões únicos, em que o número de anciãos se acentua cada vez mais. Há o enfrentamento e o desafio da desvalorização do ser velho em nosso meio social, tendendo a piorar, de acordo com o gênero ou classe social. Lamentavelmente, na velhice as pessoas acabam perdendo seu valor no meio social. De acordo com Peixoto (1997); Simões (1994, p.14),

a velhice pode estar associada e significar: perda, deterioração, fracasso, inutilidade, fragilidade, decadência, antigo, que tem muito tempo de existência, gasto pelo uso, que há muito tempo possui certa qualidade ou exerce certa profissão, obsoleto e não adequado à vida, dando a impressão de que velho vive improdutivamente e está ultrapassado pela sociedade.

Tem sido posto na contemporaneidade o não envelhecimento, inúmeras barreiras que são colocadas para os que chegam nessa fase, tanto por parte da indústria de beleza que cresce a cada dia, como pelo mercado de trabalho e pelas relações sociais. Por vezes, a velhice é posta como uma fase não desejável. Desse modo, envelhecer passa a ter ligação, mesmo que de maneira equivocada, com “ser

¹ Com base na Organização Mundial da Saúde e conforme a sociedade capitalista aposenta seus trabalhadores será considerado neste trabalho idoso pessoa com mais de 60 anos. Sendo utilizado os termos anciãos, idosos, velhos para referir a estes.

ativo” e “ser improdutivo”. O não reconhecimento da individualidade e singularidade do indivíduo reforça a alienação² e a massificação presentes na sociedade, impondo de forma desleal o não envelhecimento ou o envelhecer alicerçado em padrões e costumes já postos em nosso meio, impondo, assim, uma fórmula “x” para envelhecer. É necessário enfatizar que a palavra “velho” é citada diversas vezes neste trabalho, com o objetivo de ressignificar essa ótica pejorativa. Netto (2013) explana algumas definições entre envelhecimento, velhice e idoso:

O envelhecimento é considerado o percurso ou processo experienciado pelo humano; a velhice torna-se a fase da vida, e o velho ou idoso, o resultado final. Estes integram um conjunto, cujos componentes estão intimamente ligados.

Este trabalho considera estas depreciações da velhice como um discurso ideológico que, ao ocultar a importância das experiências de envelhecimento, anula as contribuições que velhos têm de melhor a oferecer, conseqüentemente dá brechas ao esvaziamento de uma vida rica de lembranças sociais. Exatamente por carregar nas rugas de expressões e em seus fios brancos as marcas da passagem do tempo, o ancião se apresenta como testemunha de nossa história, isto é, ocupa o lugar de narrador, que formam-se escutando histórias e depois acrescentam vivências e costumes para dar prosseguimento a tais narrativas.

A memória do ser que envelhece será abordada como uma fonte inesgotável de experiências. Para resgatá-la, pontuamos a tradição oral, que está na base das narrativas ancestrais, como testemunha das transformações ocorridas durante o correr dos anos. No entanto, destaca-se que, conforme Benjamin, em um mundo marcado por barbárie, catástrofes permanentes, portanto, experiências inenarráveis, a transformação radical da base material da vida, requer a produção de sujeitos de resistência na história, capazes de produzir experiências emancipatórias, que fundam tradições libertárias, portanto, narráveis. Esta seria a base da formação de narradores, na sociedade produtora de mercadorias, cuja estrutura é constituída na dominação abstrata do valor como relação social.

Vivi e cresci rodeada de mulheres idosas. As memórias destas são as minhas memórias, porque essa transmissão e partilha é visível no modo como eu procuro

² Neste trabalho, alienação é entendida a partir do conceito defendido por Karl Marx, onde apresenta o conceito de alienação como o processo de “coisificação” do trabalhador, que passa a ser visto como mercadoria, tornando-se um instrumento utilizado pelo capital para que esse sistema econômico mantenha sua soberania

compreender o que está para além do determinado. Desse modo, escrever tantas páginas me traz boas lembranças, remete-me à bela infância, quando, pequena e curiosa, transitava pelos corredores de um asilo feminino da minha cidade, Paracambi, no Rio de Janeiro. Andava por cada quarto, diariamente, a fim de ouvir alguma estória nova das “vovós³”, que as vezes sussurram, murmuravam, cochilavam no meio de suas narrativas e estórias contadas centenas de vezes, mas que sempre me despertavam interesse por elas, talvez fosse pela forma com que eram contadas, entoadas ou por suas cantorias. Por ser uma criança, não tinha noção do que era solidão ou perda da vida pública, mas perante meus olhos de criança, sentia tristeza em observar cada mulher idosa ali residente, sempre questionando onde estavam seus familiares e amigos.

Recordo-me que estes momentos vividos de partilha de memória naquele local foram ímpares para me inspirar nessa empreitada, que é falar sobre o envelhecimento, dar voz ou tentar fazer com que essas pessoas que chegam na fase da velhice sejam notadas não mais como um corpo velho, mas como seres que possuem direitos, tiveram suas vidas marcadas por opressões e ensaios de resistência.

Vários anos se passaram e hoje, com 27 anos, continuo passando por cada quarto, conversando com cada idosa, buscando ouvir o que elas têm de melhor para contar. São mulheres idosas distintas das quais cresci ouvindo, muitas já faleceram, mas, independentemente disso, elas possuem algo em comum, são seres humanos marcados por histórias de vidas, repletas de emoção, sentimentos, narrativas ricas em experiência e que precisam ser transmitidas de geração à geração. O que nos move constantemente é a curiosidade, a vontade de aprender. Quando se perde esse desejo, quando tal chama se apaga, percebemos que não nos resta mais nada, independentemente da idade, a curiosidade é o combustível do ser. Quando perdemos tal desejo o que iremos inventar?

Desde pequena, lembro-me de estar na rede de minha casa e minha irmã contar histórias: ora falavam de amizade, ora sobre amor e bondade; em outras ocasiões cantarolava melodias sobre um Deus justo. Penso o quão importante e enriquecedor esses momentos foram para o despertar do pensamento criativo que tenho hoje. A menininha de 20 anos atrás ainda está viva e continua cantarolando

³ Termo utilizado de maneira carinhosa da parte técnica para acolhidas no período dos anos 2000. Atualmente o tratamento deve ser por meio do nome da acolhida segundo normas superiores.

pela casa, com criações de melodias que falam de passarinhos, borboletas, flores, jardins encantados. Tem sido essas experiências compartilhadas ao longo do tempo que criaram em mim o vínculo definitivo com a imaginação criativa, com a potência de regar a vida a partir da inspiração das histórias, da fabulação, mas também da crítica às experiências opressivas que precisam ser interrompidas, a fim de se produzir aberturas para a produção de novas tradições libertárias, como tesouros ancestrais a serem guardados e transmitidos.

A metodologia utilizada, em um primeiro momento, foi a exploratória, com leituras de artigos e livros. Exponho alguns dos muitos autores lidos durante o período de escrita: TEIXEIRA (2009); DEBERT; (2012); BENJAMIN (1987); ÉSTES (2007); BOSI (1997); MARX (1980, 2001); NETTO (2011, 2013); SALGADO (2002); WILLIAMS (1969); HAMBATÉ (2010) E HADDAD (2016). E do acúmulo de leituras sobre o tema através de artigos produzidos durante minha graduação, periódicos, Teses, e bagagens adquiridas na trajetória do curso.

Para melhor exposição do conteúdo estudado e dos resultados da pesquisa, o presente trabalho de conclusão de curso foi dividido em três capítulos, sendo o primeiro capítulo possuidor de dois subitens; o segundo capítulo com dois subitens e o terceiro com um subitem. Coincidiu de o trabalho seguir uma linha do tempo de “como era”, abordando o passado; “como é”, mostrando a atual figura do ancião na sociedade; e “como almejamos ser”, buscando experiências capazes de produzirem ancestrais narradores.

O primeiro capítulo traz o estudo da memória e ancestralidade, com base em Benjamin, Arendt, procurando compreender os processos históricos que fizeram a vida pública centrada no trabalho, a partir da produção de experiências inenarráveis, base estrutural do progresso capitalista, cujo norte é a barbárie. No segundo capítulo, aprofundo sobre a temática do sistema capitalista e sua influência para o período do envelhecimento, com base em Karl Marx, Netto, Camarano, entre outros. O terceiro capítulo apresentará poemas em forma de atos políticos, que têm por base experiências de resistência, com a potência de refazer a vida pública e transformar processos de envelhecimento.

2 O SER ENVELHECIDO: GUARDIÃO DE MEMÓRIA

Contar histórias é acender uma fogueira em seu coração para que a sabedoria e a imaginação possam transformar sua vida.
- Nancy Mellon

Acredita-se que a memória oral e a narrativa têm sido a principal forma de transmissão do conhecimento, em diversas culturas e sociedades, na história humana durante séculos. Diana Farjalla Correia Lima (2008, p. 276) observa que, no processo de passagem do conhecimento, essas sociedades têm a necessidade de um contínuo recomeço, uma espécie de renovação, havendo a interlocução de geração para geração.

Rodrigues aponta (2010, p.17) que, em um país como o Brasil, no qual até meados dos anos 1950, grande parcela da população não era alfabetizada, “todas as informações e todo o conhecimento dependiam da memória, cujo papel tem sido fundamental na sociedade para reconstruir os fatos individuais e coletivos”. Porém, com o aumento de pessoas alfabetizadas e o surgimento da mídia, “houve uma aproximação pela letra e um esquecimento da voz” (RODRIGUES, 2010, p. 17)

A história era feita a partir da capacidade de memorização dos membros do grupo social e de suas preferências. Havia, portanto, um registro “incerto” da realidade, fortemente filtrada pelo sujeito da ação. A mediação desse sujeito, nesse tipo de comunicação, era de fundamental importância para a continuidade histórica do conhecimento, pois não havia a escrita. A escrita foi um dos mais importantes desenvolvimentos técnicos do ser humano, assim como a fala foi o principal instrumento utilizado no tempo da oralidade. (LIMA, 2008, p. 276).

Desse modo, é possível que uma sociedade possa transmitir sua história oral, costumes, artes e outros saberes entre as gerações, sem precisar necessariamente de um sistema de escrita. As memórias e lembranças, presentes nas histórias vividas e herdadas de seus antepassados, encabeçam os traços do passado presenciado por meio da oralidade, nos agraciando com o legado trazido pela ancestralidade, da riqueza cultural, mística, seus saberes e a importância do seu reconhecimento.

Somos atores sociais, ativos e indispensáveis na construção da memória individual, mas, sobretudo, da memória coletiva que deve ser entendida em âmbito social e que está sujeita a transformações constantes (SAMPAIO; OLIVEIRA, 2013, p. 39)

A preservação da memória social, a partir da aproximação com o conhecimento do ser que envelhece é primordial, pois é através destas que tem sobrevivido e solidificado histórias que renovam, que surgiram há décadas de uma forma e foram sendo moldadas e adaptadas, conforme repassadas de gerações à gerações. Não há jeito certo ou errado para compartilhar tais histórias; terá momentos em que a mente simplesmente falhará por algum motivo, talvez a idade avançada ou um esquecimento repentino, nunca se sabe. Alessandra Giordano (2007) aborda a importância dos contos da tradição oral e aponta que:

A maior parte da literatura voltada para o estudo dos Contos de Tradição Oral informa que não há país, crença ou etnia cuja tradição não tenha suas histórias e lendas. Contos sempre fascinaram gente de todo o mundo. (...) As histórias, são formas de confrontar, mostrar caminhos, ensinar e aprender com ideias infinitamente sábias (GIORDANO, 2007, p.2)

A partir dos diálogos contendo a transmissão de histórias, nos são proporcionadas experiências únicas, causando-nos sensações de êxtase, intensa alegria, despertar da curiosidade, renovação e alimentação da nossa bagagem de vida, para, assim continuarmos a transmissão de tais narrativas através da história oral.

Se não reconhecermos os contadores de história e sua trajetória estaremos negando a ancestralidade e o território que estes habitam. Desse modo, estaríamos colocando um fim nas narrativas ricas em sentido⁴, pois, se não é a pessoa idosa que nos intercambia tais tradições e histórias, quem mais transmitiria? Entende-se que a base da narrativa é a experiência, esta sendo livre de teorias totalizantes, atemporal. A geração que advém a nossa ainda tinha algum tipo de sentido, havia a transferência de costumes que eram passados de geração em geração, já no contexto atual o que encontramos é o esvaziamento do conhecimento.

A pobreza de experiências transmissíveis é vista onde homens desejam se libertar de todas as trocas de experiência, e o resultado obtido é a quebra de toda aquela relação com memórias gerando assim uma sociedade massificada, onde seres humanos agem de formas semelhantes. Entender a importância da memória e da interlocução oral faz com que ativemos a capacidade ao reconhecimento da

⁴ A riqueza aqui referida nada tem a ver com produção de mercadoria e o valor dado, mas sim riqueza em termos de resistência cultural, produção do conhecimento e de tradições libertárias, riqueza descrita por Walter Benjamin em Experiência e Pobreza. In: Magia e Técnica, Arte e Política.

narrativa e a percepção que, havendo a perda do narrador, há implicações diretas para futuras gerações, Walter Benjamin questiona:

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, p.114).

Devido ao declínio das ações de experiência públicas de base comunitária e a constante perda da base material das narrativas, vê-se o esvaimento da tradição, aqui entendida como comunicação ou continuidade de costumes culturais. Ademais, temos o processo de reificação⁵ que é capaz de inverter sujeito e objeto e as relações interpessoais cada vez mais frágeis, resultando na dissolução dos vínculos sociais. Desse modo, os valores tradicionais de comunidade passaram a ser substituídos pela sociedade produtora de mercadoria, não havendo espaço para os mais antigos trazerem, em suas narrativas, experiências de algo já vivido ou partilhar suas histórias, que instruem e ensinam. Para o firmamento do que foi dito, será descrito um antigo conto contido no livro de Clarissa Estés. A história trata de um grande sábio que deixará um ensinamento divino, a mesma possui inúmeras versões e modos de contar:

O amado Bal Shem Tov estava à morte e mandou chamar seus discípulos. _ Sempre fui o intermediário de vocês e agora, quando eu me for, vocês terão de fazer isso sozinhos. Vocês conhecem o lugar na floresta onde eu invoco a Deus? Fiquem parados naquele lugar e ajam do mesmo modo. Vocês sabem acender a fogueira e sabem dizer a oração. Façam tudo isso e Deus virá.

Depois que Bal Shem Tov morreu, a primeira geração obedeceu exatamente às suas instruções, e Deus sempre veio. Na segunda geração, porém, as pessoas já se haviam esquecido de como se acendia a fogueira do jeito que o Bal Shem Tov lhes ensinara. Mesmo assim, elas ficavam paradas no local especial na floresta, diziam a oração, e Deus vinha. Na terceira geração, as pessoas já não se lembravam de como acender a fogueira, nem do local na floresta. Mas diziam a oração assim mesmo, e Deus ainda vinha. Na quarta geração, ninguém se lembrava de como se acendia a fogueira, ninguém sabia mais que local exatamente da floresta deveriam ficar e, finalmente, não conseguiam se recordar nem da própria oração. Mas uma pessoa ainda se lembrava da história sobre

⁵ O conceito será trabalhado no capítulo seguinte de forma mais ampla.

tudo aquilo e relatou com voz alta. E Deus ainda veio (ESTÉS, 1998, p. 8-9)

O conto do sábio Bal Shem Tov é uma alegoria à história na humanidade, valorizando o dom da narrativa que contenha as melhores lembranças repletas de sutilezas da vida, não importando como será reproduzida, se será uma versão resumida ou na íntegra; o primordial é que contadores de história resistam e se reinventem através do tempo.

Em quais condições a contação de histórias contribui para a construção da memória? Será através da memória que haverá a possibilidade da troca entre as gerações, contendo manifestações culturais, forma de agir e pensar.

Um dos principais objetivos da narrativa oral é instigar a imaginação, tem sido cada vez mais raro encontros com velhos amigos e, na ocasião, sentar-se em círculo e, a partir disso, iniciar a narrativa de alguma história marcante que valha a pena ser transmitida. É como se, conforme amadurecêssemos, perdêssemos a imaginação criativa que outrora existiu quando criança. Para o autor Walter Benjamin, “Os seres humanos estão se privando hoje da ‘faculdade de intercambiar experiências’ porque as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça” (BENJAMIN, 1985, p.197). A experiência passada de “boca em boca” é a mais valiosa fonte à qual narradores recorrem.

A prática de contar histórias tornou-se um dos principais meios de conservação dos valores de uma comunidade, pois se trata de uma atividade de berço cultural e de registro histórico provado pelos diversos contextos socioculturais contemporâneos (CALDIN, 2002). O narrador tradicional é aquele que traz nas suas narrativas fatos de sua vida, isto é, que retira suas histórias de sua própria existência. Seu modo de vida era moldado a partir da escuta de histórias, próprio do de comunicação artesanal citado por Benjamin, agregando à sua prática saberes adquiridos para depois transmitir. Não precisando de técnica alguma ou curso profissionalizante, apenas necessitando de suas experiências vividas.

A narrativa consiste naquilo que foi lembrado, nos gestos utilizados para transmitir toda intensidade da memória vivida, narradores estão espalhados por toda parte esperando apenas um ouvido disponível para ouvi-los. No livro “O tempo vivo

da memória: Ensaios de Psicologia Social”⁶, Ecléa Bosi (2003) dialoga com as análises de Bergson sobre a memória e sua função de trazer o passado à tona. Para a autora, os termos narrativa e oralidade englobam o tempo presente e passado necessitando da melodia, ritmo e entonação. A oralidade deve conter recursos melódicos de quem a registrou, com seus tons e lembranças afetivas. Já em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994), Bosi descreve que o modo de lembrar é tanto individual quanto coletivo, pois uma vez que o grupo social transmite e reforça as lembranças, o ouvinte vai aos poucos individualizando essa memória que outrora era pertencente à comunidade e transforma naquilo que ele lembra, da maneira que lembra. Dessa forma, “não existe nenhuma memória universal, toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço” (HALBWACHS, 2004, p. 106-107).

Contar histórias estabelece ainda hoje o sentimento do ser humano aprendiz, enxergando a vida como um constante aprendizado. Sobre a importância da história Malba Tahan afirma que:

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem histórias com prazer – uma vez que estas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada, dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas. Não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e de seus contos característicos. É a lenda a expressão mais delicada da literatura popular. O homem, pela estrada atraente dos contos e histórias, procura evadir-se da vulgaridade cotidiana, embelezando a vida com uma sonhada espiritualidade. Decorre daí a importância das histórias. (TAHAN. Apresentação in: GALLAND, 2002, p. 15)

A criança que tem a presença em seu cotidiano de histórias orais, recebe estímulos para curiosidade e a imaginação criativa, tendo o privilégio da aproximação com a cultura que a cerca, curiosidade essa que impulsiona a aprendizagem. Segundo Nancy Mello, “contar histórias nos mantém em contato com forças que podem ter sido esquecidas, sabedorias que podem ter esmaecido ou até mesmo desaparecido e esperanças que caíram na obscuridade.” (MELLON, 2006, p. 13).

⁶ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Editora, Ateliê Editorial, 2003.

O ato de contar histórias nos dá amor e coragem para encarar os tempos atuais, mesmo que não vivamos para sempre, as histórias compartilhadas conseguem sobreviver.

[...] premissa de toda a existência humana, e, portanto, também, de toda a história, ou seja, a premissa de que os homens têm de estar em condições de viver para poder (fazer história). Mas da vida fazem parte, sobretudo o comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação das necessidades, a produção da própria vida material, e a verdade é que este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a História, que ainda hoje, tal como a milhares de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos (MARX & ENGELS, 1984, p. 30;31)

Desse modo, o percurso da narrativa não finda, sendo um estímulo sábio às outras pessoas para continuarem a compartilhar narrativas e despertar o gosto pelo imaginário, dando oportunidades aos sujeitos para que conquistem a autonomia de seguirem seus próprios caminhos reinventando a vida.

2.1 EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO DE NARRADORES

Walter Benjamin define o que é experiência com a seguinte concepção:

Na verdade, experiência é matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. Forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória. (BENJAMIN, 1992, p. 103).

Antes de mais nada, experiência, para Benjamin, no contexto citado acima relaciona-se com aquilo que é passado de geração em geração, possuindo os aspectos da tradição e que se situa no âmbito da transmissão. Em Benjamin, a experiência é a transmissão de histórias pela narração oral: sendo sempre comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. Ao narrar a própria história, o passado e o presente caminham juntos, por isso, a importância da retomada da condição de guardião que outrora pertencia ao ancião; a narrativa é composta daquilo que foi lembrado e é sujeita a esquecimentos. De acordo com Pierre Nora, a memória sempre será um elo entre o presente, o passado e o futuro, sendo um fenômeno atemporal.

[...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado (1993, p. 9)

Os sábios das tradições orais são reconhecidos em suas comunidades como detentores de saberes, possuem habilidade de ensinar a partir da narração de histórias que se perpetuam através das gerações, tendo em sua base como referência o passado e a ancestralidade. Nada substitui a experiência transmitida de boca em boca, voltemos às origens da arte de narrar. No viés benjaminiano, há dois grupos de narradores, o narrador viajante (marinheiro comerciante) que carrega em sua bagagem uma variedade de histórias adquiridas durante suas viagens, ou daquele que nunca saiu de seu território conhecido como narrador agricultor, porém aprendeu as tradições e histórias através das trocas em conversas, forma artesanal de comunicação.

Um exemplo da necessidade de contar história é apontado por Oberg, no prefácio do livro dos irmãos Grimm (1963), quando remete aos homens pré-históricos que se reuniam dentro das cavernas ou em volta da fogueira para escutarem os relatos das caçadas, há inúmeros filmes na atualidade que exemplificam as narrativas nesse período. Até os dias de hoje, histórias são contadas, inventadas para satisfazer a necessidade das pessoas que desejam se “embebedar” de toda riqueza das fantasias e narrativas. A narrativa oral foi espalhada através dos tempos, por meio da figura dos contadores orais, quando não havia tecnologia, as informações eram transmitidas entre as gerações, uma forma de comunicação imprescindível por meio da oralidade para a formação dos futuros adultos e que viria a ser fundamental na infância e juventude.

Ao desenvolver este trabalho, surgiu a necessidade de abordar os estudos sobre cultura, porém, a abordagem será de maneira sucinta, mas de suma importância, pois é o ponto central quando o assunto é tradição oral. É importante apontar que os artigos sobre cultura foram os pioneiros a discutirem as tradições orais, abrindo espaço para pesquisas que se referem à contação de história. Para explanar sobre cultura, estarei utilizando os termos abordados por Eliot, no livro

“Notas para uma definição de cultura”, entre outros autores importantes para uma melhor definição e compreensão.

Em Eliot (1988, p. 52), “uma cultura é concebida como criação da sociedade como um todo; e é isso, sob outro aspecto, o que a torna uma sociedade”. Já Santos (2006), afirma que “a cultura é uma preocupação contemporânea que está viva nos dias atuais”. Nessa perspectiva, é importante entender que ela está diretamente ligada aos trajetos que conduzem os diversos grupos humanos e às relações presentes. Desse modo, é imprescindível conceber que a cultura tem definição complexa no que diz respeito à formação de grupamentos humanos e suas características são expressas através deles. Para o autor, a cultura possui realidade própria em uma localidade, onde cada qual possui uma lógica em seu território que faz sentido os costumes, concepções e transformações pelas quais vivenciam, sendo primordial observar a totalidade que cerca os indivíduos para, assim, compreender todo processo histórico do sujeito.

Ao apresentar o conceito de cultura, Coelho Netto (1997, p. 101) caracteriza “o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante”. Nesta ótica,

O termo aponta para: 1. Um estado mental ou espiritual desenvolvido, como na expressão ‘pessoa de cultura’, 2. O processo que conduz a esse estado, de que são parte, as práticas culturais genericamente consideradas; 3. Os instrumentos (ou os media) desse processo, como cada uma das artes e outros veículos que expressam ou conformam um estado de espírito ou comportamento coletivo (COELHO NETTO, 1997, p. 102)

Durante os aprofundamentos no tema em questão, foi perceptível a existência de dois aspectos básicos que dizem respeito ao mesmo, sendo a primeira característica da identidade social e o segundo, caracterizado pela tradição e crença. Dessa maneira, para perceber tais aspectos presente na cultura, há necessidade da consciência histórica, já que a cultura se produz no movimento histórico.

Segundo as concepções de Williams (1969), o conceito de cultura relaciona-se com as transformações históricas ocorridas na sociedade, tendo ligação com mudanças ocasionadas em um determinado momento. O mesmo dado no período entre 1780 a 1950, sendo perceptíveis notórias modificações nas classes sociais e,

consequentemente, nas produções culturais. “O conceito de cultura e a própria palavra, em seus usos gerais modernos, surgiram no pensamento inglês, no período comumente chamado de Revolução Industrial” (WILLIAMS, 1969, p. 11). Para o autor, então, cultura possui realidades próprias

A nossa resposta aos acontecimentos que constituem o que viemos a definir como indústria e democracia e que determinaram a mudança das condições humanas. [...] A ideia de cultura é a resposta global que demos à grande mudança geral que ocorreu nas condições de nossa vida comum (WILLIAMS, 1969, p. 305)

Ainda analisando cultura pela ótica de Williams, em seu livro “O campo e a cidade na história e na literatura”, fica claro que a cultura será marcada por dois campos. Nas palavras do autor são ambientes antagônicos, porém complementares e partilham de um mesmo processo. Ele analisa e tenta explicar o processo histórico entre passado e presente. Não parando por aí, o mesmo nos presenteia com a analogia realizada no período, no qual escreveu seu livro (1989), em que a imagem do campo tinha relação com o passado e a cidade era atribuída ao futuro, visando assim entender as mudanças presentes naquele tempo.

Essa relação descrita por Williams pode se comparar ao contador de história e ao ouvinte. Por vezes, esses encontros são marcados por diferentes gerações e indivíduos de regiões distintas. A contação de histórias pode ser compreendida, por exemplo, como forma de abranger a cultura de um determinado território, visto que, na passagem dos acontecimentos transmitidos, há presença de memórias pessoais e coletivas de quem experimentou eventos em diferentes épocas históricas.

2.2 TRADIÇÕES, MEMÓRIA E TRANSMISSÃO

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. (THOMPSON, 1998, p.18)

Dessa maneira, Prieto (1999, p. 38), em seu livro “Quer ouvir uma história?”, procura na tradição oral africana a importância das narrativas orais na atualidade:

Segundo a tradição oral africana, a palavra contém o hálito, elemento

vital, que desaparece dela quando escrita. Ao contrário de nosso ponto de vista, que tende a considerar válido apenas o que é documentado por escrito, certos conhecimentos milenares só podem ser transmitidos em uma troca interpessoal, para que haja a força da troca vital entre duas ou mais pessoas.

Na África antiga, os Griots⁷ eram guardiões das tradições, contadores de história, figuras importantes, uma vez que eram responsáveis a repassar aos mais jovens conhecimentos e tradições, por meio de histórias narradas, canções e poemas para transmitir a cultura. A pessoa contadora de histórias foi e é a testemunha do presente e do passado nas sociedades tradicionais criando laços profundos com o sagrado; tendo ligação direta com a palavra, está tendo papel primordial no desenrolar da vida;

[...] o Griô é um contador de história profissional, tem uma casta para ser griô, porque vai acompanhando os pais e vai aprendendo de cor. É um profissional da palavra. [...] É um especialista, sabe a história, a genealogia dos reis, canta, toca instrumento. Os griôs eram poupados em guerra, não eram mortos. O que ganhava ficava com o griô e o aproveitava. No interior da África, os griôs são atuantes até hoje, fazem parte das cortes dos pequenos reinados que ainda persistem. Não é o contador tradicional que conta ao redor da fogueira, à noite, porque é a hora que voltam do trabalho (são os mais velhos, têm mais tempo, vivem mais, têm mais histórias para contar). (BARBOSA *apud* RICHE *et al*, 2012, p. 234).

Desse modo, os contadores de história na cultura africana são chamados por Griots, sendo pronunciado no Brasil griôs. Estes possuem grande importância para a permanência da memória cultural africana, pois transmitem conhecimento e sabedoria, não deixando esvair a essência da tradição. De acordo com Marcel Mauss, em seu livro *Ensaio de Sociologia*: “[...] quando uma geração passa à outra a ciência e seus gestos e de seus atos manuais, há tanta autoridade e tradição social como quando esta transmissão se faz pela linguagem. Há verdadeiramente tradição, continuidade. (MAUSS, 2015, p.115)”.

Buscando um maior aprofundamento sobre a temática dos griots, serão utilizados os escritos do pesquisador Boniface Nkama⁸, um estudioso da cultura

⁷ A palavra griô, de forma abreviada, vem do francês griot e nos remete ao colonialista francês. Sendo alinhada aos tradicionalistas ou mestres de origem africana.

⁸ Nasceu em uma aldeia no interior da República dos Camarões. É doutor em Filologia Hispânica e mestre em Migrações e Relações Intercomunitárias (Espanha), mestre em Literatura Hispano – Americana (França), licenciado em Filologia Hispânica (Camarões), contador de histórias, escritor e tradutor de obras literárias.

africana que vive a realidade do local. Desse modo, tem propriedade o suficiente para trabalhar com o tema. O mesmo aponta que a palavra falada faz parte da identidade daquele local baseando suas histórias na tradição oral, que, ao longo dos tempos, tem sido a principal forma dos povos africanos manterem a memória e a cultura de seus ancestrais. Em seu artigo “A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade. A formação do contador de histórias na África”, Nkama (2012, p. 252) conta como se forma um Griot:

A maioria de nós, narradores e contadores africanos, que vivemos dessa arte, chegamos a ela pela tradição e aprendizagem, não por uma formação acadêmica cursada nos fins de semana. Aprendemos esse ofício por herança, por transmissão cultural, como nos ofícios antigos, de pais para filhos, de avós para netos, de anciãos para jovens inexperientes. Somos discípulos de nossos sábios, aqueles mesmos que nunca pisaram em uma escola ocidental. Seguimos um processo de iniciação, no qual os grandes segredos da palavra nos foram transmitidos. No entanto, as exigências do ofício nos têm levado à contínua formação para que, dessa forma, possamos adquirir as ferramentas de que necessita um artista no palco.

A figura dos/as Griots é essencial, pois possuem a função de conservar e transmitir a memória de sua gente, sendo guardiões das tradições e costumes. Serão as histórias de boca em boca que permitirão a conservação da memória. Além disso, para o povo africano o/a Griot é considerado a memória social do grupo. Desse modo, a questão da idade é importante, pois é uma das características relevantes de um griot, já que um narrador precisa ter memórias para narrar. Gizêlda Melo do Nascimento aborda esse assunto da seguinte forma:

[...] personagens idosas como responsáveis pela transmissão e manutenção de traços culturais autênticos estaria ligada não apenas a uma certa autoridade que possuem pelo acúmulo de experiências, mas prioritariamente por tratarem-se de personagens limiares. Seres cuja autoridade reside também na posição privilegiada em que se situam: na zona fronteira onde a vida e a morte indistintas; entre a vida visível e a invisível, situação que remete a uma visão filosófica africana do mundo pois que “estão mais próximos dos mortos e participam de sua condição” e que, por participarem dessa intimidade com o mundo invisível, a espiritualidade torna-se mais presente. Daí talvez venha a leveza, daí também a aparente fragilidade física. Numa lei de compensação, maior fragilidade física, maior potencialidade de forças vitais do universo. (NASCIMENTO, 2006, p.125)

Os griôs podem se especializar em determinados grupos, sendo aqueles que preferem focar suas habilidades no discurso, utilizando-se das narrativas históricas. Há ainda os especializados na musicalidade ou na arte de tocar algum instrumento. O contar histórias está para além da fala, sendo indispensável a gesticulação como sorrisos, canto, a dança possibilitando com que o ouvinte sinta na íntegra o que deseja ser transmitido. De acordo com Joseph Ki-Zerbo (2010, p. 248), no livro “História geral da África - I Metodologia e pré-história da África”, os griots se caracterizam em 3 grupos:

- os griots músicos, que tocam qualquer instrumento (monocórdio, guitarra, cora, tantã, etc.). Normalmente são excelentes cantores, preservadores, transmissores da música antiga e, além disso, compositores.
- os griots “embaixadores” e cortesãos, responsáveis pela mediação entre as grandes famílias em caso de desavenças. Estão sempre ligados a uma família nobre ou real, às vezes a uma única pessoa.
- os griots genealogistas, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo), que em geral são igualmente contadores de história e grandes viajantes, não necessariamente ligados a uma família.

O griot abrange as técnicas linguísticas, tanto a oral quanto a musical, segundo Hampaté Ba;

Para que a fala produza um efeito total, as palavras devem ser entoadas ritmicamente, porque o movimento precisa de ritmo, estando ele próprio fundamentado no segredo dos números. A fala deve reproduzir o vai e vem que é a essência do ritmo. (HAMPATÉ BA, 2010, p. 174)

O lugar dos/as griots é muito importante na sociedade, pois eles/as servem para lembrar a sociedade de sua origem, sendo recorridos como arquivo e para a restauração do equilíbrio, estes ajudam a manter vivas as histórias das comunidades, pois sua memória é um depósito sagrado da acumulação cultural da tradição. O/a griot é um encantador, por possuir a responsabilidade de guardar e repassar as histórias milenares.

Maria Zilda da Cunha (2009, p.109) diz que “cada povo soube guardar, na memória do tempo, os seus fatos históricos, nas versões emocionadas do heroísmo, dos feitos gloriosos, nos embates pela vitória ou nas derrotas tristes da guerra”. Por isso, que em algumas comunidades africanas era falado que, quando um ancião falecia, com ele se fechava uma biblioteca, pois, em suas memórias estavam retidas as mais intensas e exuberantes histórias de seu povo e tradição.

As narrativas das contações de histórias orais transmitidas por meio de contos, músicas, fábulas, nem sempre existiram em livros. Elas foram contadas e recontadas, sendo muitas vezes repetidas e esquecidas, passadas de geração à geração e adaptadas conforme a compreensão cultural de cada local. Segundo Souza (2005, p.85),

A tradição oral é guardiã da história e da memória entre muitos povos africanos, sendo preservada, principalmente, por homens sábios, que foram e são responsáveis por manter a memória viva dos fatos e feitos de seus antepassados. São poetas, músicos, dançarinos conselheiros. Por isso, são denominados, de modo geral, como contadores de histórias.

Conceição Evaristo afirma, em sua dissertação de mestrado, que “a literatura negra é um lugar de memória”. Assim como fora narrado nesse tópico sobre a figura dos/das Griots, há em nosso seio brasileiro muitos escritores que buscam através de sua escrita trazer por meio de seus textos a valorização da memória afro-brasileira. Desse modo, é apresentado um texto de Geni Guimarães, “Da flor e afeto, da pedra o protesto⁹”, que reforça a influência da memória passada de geração à geração na formação do ser humano negro.

Olha aqui, moço:
Aquela história
Que você inverteu,
Meus avós explicaram para meus pais,
Meus pais explicaram para mim,
Eu já expliquei para os meus filhos,
Meus filhos vão contar para os filhos
deles: Cuidado, pois.

Este poema remete e completa tudo que foi trabalhado neste capítulo I, visto que a memória aqui apresentada, a que é transmitida de geração à geração, será a arma contra quaisquer manipulação e esquecimento. Sendo assim, a sabedoria dos africanos contadores de histórias, que são considerados como guardiões da memória, é perpassada por muitos séculos através da oralidade e dos gestos sociais.

⁹ Da flor o afeto, da pedra o protesto. 1.ed. e 2.ed. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1981. (poesia).

3 PERDA DA VIDA PÚBLICA E ENVELHECIMENTO: PROCESSOS DA EXPERIÊNCIA SOCIAL CENTRADA NO TRABALHO

A velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização. É o homem inteiro que é preciso refazer, são todas as relações entre os homens que é preciso recriar se quisermos que a condição do velho seja aceitável (BEAUVOIR, 2018, p.563).

Este capítulo abordará o afastamento do convívio social do ser que envelhece, por meio de estratégias cada vez mais recorrentes, a partir da obsolescência da sua vida como classe trabalhadora. Esse afastamento tem como princípio o silenciamento da memória social, memória esta que fora abordada no capítulo anterior e é a base desse trabalho. Walter Benjamin recorda que o “patrimônio cultural” imposto pela classe que domina, na verdade, tem origem na destruição da tradição. Benjamin (1962) afirma:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela.

A anulação da memória do ser que envelhece na sociedade tem consequências sérias no meio social, pois entendemos que a fonte de experiência advém destes. Portanto, se há quebra na troca de comunicação entre passado e futuro, abre-se no presente uma brecha para a dominação dos interesses da ideologia hegemônica, ficando subentendido que a classe que domina tem temor aos mais velhos e suas bagagens recheadas de memórias e testemunhos.

Uma sociedade que não valoriza seus idosos, o seu passado, é uma sociedade sem consciência da própria história; e uma sociedade que não tem consciência da sua própria produção histórica; é uma sociedade alienada, sem o direito de apropriar-se de sua ancestralidade. Uma sociedade sem memória coletiva produz indivíduos que não se tornam sujeitos, são seres humanos sem identidade individual e social. (PROCÓPIO e AZEVEDO, 2019, p.3)

Dando enfoque à perspectiva do envelhecimento pelo olhar crítico de Simone de Beauvoir (2018), em seu livro “A velhice”, onde denuncia os abusos, negligência e desumanização, pela qual os velhos estão assujeitados em diversos âmbitos e instituições da sociedade. Incluindo sua família, o meio social ou até mesmo as instituições de longa permanência (ILPI), registrando que o status da velhice tem sido uma imposição ao homem, ou seja, a sociedade impõe ao mesmo seu lugar e seu papel, desse modo, além de um fenômeno biológico é também um fenômeno cultural.

Um fenômeno biológico com consequências psicológicas que se apresentam através de determinadas condutas consideradas típicas da idade avançada. Modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: um estatuto lhe é imposto também na velhice, pela sociedade a que pertence. (BEAUVOIR, 2018, p.13)

De acordo com Simone de Beauvoir, será a classe dominante que dará esse status de “deplorável” à pessoa idosa. A autora vai além e, de maneira revolucionária, traz à tona o debate crítico sobre a velhice: “É a classe dominante quem impõe às pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela”.

Que direito temos de desconsiderar toda uma trajetória de vida de tais pessoas envelhecidas? Se não reconhecemos sua trajetória, estamos negando sua ancestralidade, sua experiência. Desse modo, estamos colocando um fim na transmissão das experiências narráveis, pois se não é a pessoa envelhecida quem nos intercambia tais tradições e histórias, quem mais transmitiria?

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana. Para começar, não aceitaremos mais com indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito. Somos nós os interessados. (BEAUVOIR, 2018, p.11).

É necessário compreender o envelhecimento como processo de vida, ou seja, envelhecemos porque existimos. Ocorre que não nos damos conta desse processo.

O conceito de envelhecimento, ao longo dos tempos, vem recebendo inúmeros sinônimos, desde “ser sábio” com experiências acumuladas, ao termo “velho”, sendo utilizado de maneira pejorativa, remetendo a tudo o que está gasto e degradado, sendo entendido também como inútil. Camarano afirma:

[...] que se vive um momento de redefinição de papéis para todas as gerações: a ideia de que a velhice traz perdas está sendo substituída [...] esta é uma fase de preenchimento. Um momento em que se pode fazer coisas que não podiam fazer ao longo da vida porque tinha que cuidar de filhos, tinha que trabalhar pra ganhar dinheiro, etc. [...] E conclui: [...] eu acho que é um perigo, a gente fazer generalização sobre essa fase da vida. Na verdade, a gente pode dizer que a última fase da vida, seja de uma perspectiva negativa ou de uma perspectiva ativa, qualquer que seja a generalização, ela pode ser perigosa. A gente tem que reconhecer, que tem havido grandes avanços, mas que há uma necessidade de uma nova visão para encarar essa fase da vida de outra forma. (CAMARANO, 2010, p. 32)

Acontece que a velhice acaba aparecendo com mais clareza para aqueles que estão se tornando anciãos, sentindo as limitações do corpo e das relações sociais, postas pela estrutura produtora de mercadorias, em que a vida pública é mediada pelo trabalho e pelo dinheiro. De acordo com Simone de Beauvoir (2018, p. 11), “A velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes”. As pessoas tendem a empurrar o envelhecimento para o outro, costumam sempre olhar a casa de seus vizinhos e esquecerem das suas.

3.1 Crítica do processo de envelhecimento no capitalismo

Para aumentar o lucro, o capitalismo procura a todo o custo aumentar a produtividade. À medida que os produtos se tornam mais abundantes, o sistema exige uma alta do rendimento. Os velhos trabalhadores não são capazes de se adaptar às cadências impostas aos operários. Ficam reduzidos ao desemprego, e a sociedade os trata como párias (BEAUVOIR, 2018, p.300)

A desvalorização da pessoa idosa é consequência do sistema capitalista vigente, uma vez que a figura deste é posta como um ser “descartável”, já que a sociedade vem condicionando o papel da pessoa velha baseando-se na diminuição de sua capacidade produtiva. De acordo com BOFF (2000), o desenrolar do

capitalismo impôs o modo de ser e estar, dando nova roupagem à ordem global.

Na verdade, o século XXI é o século do envelhecimento global e a era histórica do surgimento da nova camada do proletariado: o gerontariado. O problema da velhice proletária, ao lado da problemática da saúde física e mental do trabalho vivo, inaugura a problemática da “crise humana” neste século. (ALVES, 2021, p.118)

De acordo com o livro, “Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social” (2009), “O extraordinário fenômeno da longevidade e o aumento progressivo da população idosa trouxeram desafios que convertem o envelhecimento em tema urgente e dominante neste século XXI”. As demandas recorrentes do processo de envelhecimento necessitam de atenção de todas áreas, física, psíquica, social e afetiva, sendo necessário desenvolver novas competências para conseguir dar conta de ofertar uma vida digna para o ser que envelhece.

Na periferia do capitalismo, que é o caso brasileiro, há inúmeros fatores que implicam diretamente de maneira negativa para o desenrolar das etapas da vida daqueles que dependem da venda da sua força de trabalho

De acordo com Marx, a origem do capital não é um processo natural, mas sim violento. Há a presença de uma massa de indivíduos pobres, que perderam seus instrumentos de trabalho e suas terras e são forçados a irem para os grandes centros urbanos “tentar a sorte”, lançados para o mercado de trabalho sem quaisquer experiências. A origem do trabalhador assalariado na indústria vai ocorrer dentro dessa truculenta expropriação. O capitalismo é um sistema econômico desigual, em que o maquinário e as terras estão nas mãos de poucos proprietários. Esse sistema perverso usa da façanha que seu trabalhador é livre, porém sabemos que é uma falsa liberdade. Ou seja, supostamente ele é livre, porém o mesmo não tem os meios de produção para sua subsistência, resultando na criação de um grande exército de mão de obra, que Marx nomeou como categoria, Exército Industrial de Reserva. Não há capital sem expropriação. A partir disso, surgem duas classes sociais: a burguesia, detentora dos meios de produção, e o proletariado, mão-de-obra necessária para a produção de bens.

Segundo Netto (2011, p. 19),

trata-se do período histórico em que ao capitalismo concorrencial sucede o capitalismo dos monopólios, articulando o fenômeno global

que, especialmente a partir dos estudos lenineanos, tornou-se conhecido como o estágio imperialista.

As expressões da “questão social” estão diretamente ligadas com o surgimento da classe operária e a exploração da força de trabalho. Marx teve um olhar crítico, quando percebeu que o valor do trabalho agregado à mercadoria, não agregava somente um valor de uso, mas um lucro apropriado pelo dono do capital, sendo o centro da economia mundial. A existência das duas classes nesse sistema demonstra a contraposição presente, cada uma terá sua função: a burguesia vai sempre lutar para permanecer extraindo mais valia do trabalhador e pagando cada vez menos pela mão de obra desse; o salário pago a esse trabalhador para sua subsistência é incapaz de suprir suas necessidades básicas, produzindo a contraposição entre capital e trabalho, base da “questão social”.

A concepção de “questão social”, de acordo com Yamamoto e Carvalho (2014, p.77), é que:

A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia [...]

Quanto mais se utiliza a mão de obra barata na produção, se aumenta a lucratividade na mercadoria, e foi assim que o capital se consolidou na indústria, constituindo a mais-valia, e se apropriando da força de trabalho humano, como se o trabalhador não tivesse autonomia, pois a perde nas suas necessidades de sobrevivência. Assim o trabalhador se submete às mais humilhantes formas de trabalho. As máquinas vieram para a multiplicação da produção, aumentando, assim, o desemprego, a exploração do trabalho e a lucratividade, daqueles que descobriram que, através da sucção de mais-trabalho, garantem sua forma de reprodução. “Eis a trama que produz e reproduz a vida inteira do trabalhador e que não o libertará da condenação ao trabalho na velhice, a menos que adoeça ou morra, significando o esgotamento total da sua capacidade funcional ao sistema do capital”. (PAIVA, 2012, p. 104).

Para Marx, o modo como os indivíduos desenvolvem suas vidas tem uma relação direta com o meio político, social e cultural. Assim, o modo de produção

capitalista apresenta-se de maneira em que o ser humano é alienado, pois o produto do trabalho não lhe pertence. Sendo assim, no modo de produção capitalista, a riqueza é socialmente produzida, mas sua apropriação é retida apenas por uma minoria. Portanto, percebe-se que o capitalismo está alicerçado na contradição entre capital e trabalho.

O produto do trabalho se separa deste, ocorrendo a alienação do mesmo. Como consequência, o trabalhador fica mais pobre em função da riqueza que produz. Criam-se mercadorias e ele se torna também mercadoria desse modo, ao mesmo tempo em que produz riqueza, também produzirá pobreza, esta sendo a sua. Quando a atividade humana é alienada, seu caráter social e consciente é negado. O homem acaba perdendo sua capacidade criativa e seus projetos, não havendo, liberdade, nem universalidade, pois estes ficam limitados à propriedade privada. É a divisão social do trabalho, sendo os determinantes principais da alienação. Na alienação, o trabalhador não domina todas as etapas do seu trabalho, não sendo possuidor dos meios de produção. Sendo assim, não há reconhecimento no produto final que fora produzido por ele.

Para Lukács, o fetichismo da mercadoria é um problema alicerçado na sociedade: a mercadoria tem poder ilusório sobre as pessoas, criatura que se revolta contra seu criador. Lukács percebeu que o fetichismo da mercadoria e a reificação não tratam de um mesmo conceito, mas são fenômenos próprios do capitalismo moderno; alienação, reificação e fetichismo da mercadoria estão relacionados a momentos econômicos, históricos e sociais específicos.

A alienação trata da divisão social do trabalho, expropriação, valor da mercadoria; a reificação se dá quando a criatura se volta contra o criador, a marionete que maneja os próprios fios. Esta é uma categoria subjetiva, pois aqui ocorre a perda da livre consciência dos homens e o fetichismo da mercadoria seria, o que fora abordado acima, como se o produto surgisse independente do homem. O encantamento e a dominação pela mercadoria no sistema capitalista. Dessa forma, ocorre o ocultamento das relações sociais de exploração do trabalho.

Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos que recorrer à região nebulosa da crença. Aí, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no

mundo das mercadorias. Chamo isto de fetichismo [...]. (MARX, 1994, p.81)

Na sociedade contemporânea, a desigualdade social é um fenômeno que ocorre em todo o globo terrestre, guardadas suas diferentes proporções e dimensões. São desencadeadas, principalmente, entre outros motivos, pela má distribuição de renda em uma população, em que se concentra a maioria dos recursos nas mãos de uma minoria. A modernização transformou a sociedade em um local onde as pessoas se sacrificam a todo o momento, deixando de lado seus sonhos e focalizando somente no trabalho. Riqueza e pobreza estão ligadas diretamente com a acumulação capitalista, em que há uma relação entre os detentores dos meios de produção e aqueles que têm apenas a força de trabalho, gerando assim, desigualdade devido à apropriação privada dos meios de produção e da riqueza socialmente produzida.

Para Teixeira (2008), as condições sociais de envelhecimento da classe trabalhadora são uma das muitas expressões da “questão social”. Essa perspectiva é a mesma abordada por Beauvoir (2018) que afirma que o envelhecimento é constituído por numerosas determinações, sendo a classe um determinante de primeira ordem. Dessa maneira, a autora esclarece que o envelhecimento não se apresenta apenas de forma biológica e homogênea:

Todavia, muito embora seja a velhice, na sua qualidade de destino biológico, uma realidade trans histórica, ainda assim subsiste o fato de que este destino é vivido de maneira variável, segundo o contexto social [...] a diferenciação das velhices individuais ainda tem outras causas: saúde, família etc. São, entretanto, duas categorias de velho, uma extremamente ampla e outra restrita a pequena minoria, e criada pela oposição de exploradores e de explorados. (BEAUVOIR, 2018, p.14-15)

Trabalhado isso, vê-se que o modo de produção capitalista é uma categoria a ser pensada dentro do envelhecimento, uma vez que esse modo tem centralidade e influência na maneira de viver dos homens. A velhice é desvalorizada no modo de produção capitalista por não ser um momento de produtividade do trabalhador; os mesmos são associados ao ócio e à dependência.

Nas palavras de Simone de Beauvoir, “a economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz” (1990, p.13). Como o idoso não estaria inserido em um

contexto de produção de mais-valia, ele seria objeto de exclusão social. Mas talvez, na atualidade, essa crítica ao capitalismo precise ser reformulada, quiçá invertida, pois o mercado descobriu que até mesmo a velhice pode ser produtiva e render lucros, sendo alvos do mercado de consumo. Vê-se uma série de produtos destinados a estes, sejam consórcios, viagens, dentre incontáveis formas de endividamento.

Na década de 1960, Beauvoir (2018) denunciava que a velhice era marginalizada, haja vista que a sociedade impunha aos idosos uma vida miserável, sendo associada a um período de declínio e perdas. Em pleno século XXI, com base nas leituras realizadas, nota-se que pouca coisa mudou: a diferenciação estará na nova roupagem presente na contemporaneidade. O capitalismo tende a promover novas imagens da velhice, colocando-a como “melhor idade”, buscando alternativas de lazer e qualidade de vida, porém com vistas ao lucro e à manutenção do sistema.

Outro aspecto perceptível durante as pesquisas e leituras fora da própria sociedade que interfere na situação do idoso:

Nas sociedades ocidentais, o envelhecer está intimamente ligado à questão da interdição dos velhos. Mesmo quando a velhice não está associada à pobreza e à doença, tende-se a encará-la como um problema, um período dramático do ciclo da vida. [...] A velhice, assim, nas sociedades capitalistas, passa a ser encarada como um problema, pois, no fundo, o que não é valorizado é o próprio homem. O idoso é apenas a explicação dessa contradição (VIDAL, 2005, p, 26).

Por conseguinte, “A velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar”. (BEAUVOIR, 2018, p.6). “A velhice em sua maioria é considerada um problema” (BARROS, 1998, p.117). Ambas autoras retratam em suas pesquisas a imagem construída ao longo dos tempos sobre a velhice. No livro *Memória e Sociedade Lembranças de velhos*, Ecléa Bosi (2004) também traz esta visão,

O que é ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não exista para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor (BOSI, 2004, p. 18).

Realizadas estas ponderações, fica evidente que, na construção social a vida dos sujeitos que retiram seus sustentos do trabalho, são marcadas pela exploração e pobreza. Os trabalhadores não têm suas necessidades sociais atendidas, um contexto crescente de desemprego e aumento de formas precárias de contratações, agravamento de problemas de saúde, enorme onda de desregulamentação nas mais distintas esferas do mundo do trabalho formando-se assim, uma classe pautada pelos níveis de precarização e exclusão.

Ao entendermos o envelhecimento como um processo que ocorre ao longo da vida dos sujeitos, é evidente que este, na sociedade capitalista em ruínas, é condicionado à vulnerabilidade social. Desse modo, ressalta-se que existe a necessidade de realizar mediações entre as diversas condições de reprodução social, para se compreender o envelhecimento e seus determinantes.

3.2 Feminização da velhice

O envelhecimento da população irá apontar também para um assunto pouco debatido, que é a questão da “feminização do envelhecimento”, ou seja, o fato de que a população idosa é majoritariamente composta por mulheres. “As mulheres constituem a maioria da população idosa em quase todos os países, e o Brasil não foge à regra. Como consequência da mortalidade masculina, as razões de sexo vêm diminuindo paulatinamente no Brasil!” (IBGE, 2004 *apud* CAMPOS, 2014).

A sociedade se organiza em um sistema de gênero. O conceito de gênero é fundamental para explicar como as diferenças foram transformadas em desigualdades, através de um processo histórico e relacional de dominação masculina/submissão feminina. É a estrutura social que constrói a hierarquia que é imposta sobre os corpos, estruturada de maneira patriarcal.

Os estudos sobre gênero surgem em meados dos anos 1970, ligados diretamente ao movimento feminista, com objetivo de desconstruir lugares sociais sem privilégios que eram destinados à mulher. Joan Scott sugere que o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também a classe e a raça, pois o sexismo e o racismo andam juntos.

Para o movimento feminista, o envelhecimento feminino é visto com uma dualidade de vulnerabilidade. Ao buscar mais sobre o movimento feminista e seus

interesses por essas mulheres envelhecidas, fica claro que esse movimento tem sua origem segregadora, que não contempla todas as mulheres e muito menos chega a todos os espaços. Segundo Guita Grin:

O desinteresse das feministas pela velhice tem sido explicado pelo medo de envelhecer e pela repulsa ao corpo envelhecido, próprio do sexismo que marca as sociedades de consumo na sua glorificação da juventude e na destituição que se opera do poder dos velhos. (2013, p.34)

A identidade de gênero é construída a partir das relações econômicas, políticas, sociais e históricas dos papéis masculino e feminino que foram colocados para os seres humanos. Desse modo, fica claro que a velhice não será vivenciada da mesma forma para homens e mulheres. Mas, por qual motivo? Por ser uma questão de gênero, que tem a ver com a construção social, que vem definindo os papéis, que atribuem características consideradas “naturais” a homens e mulheres, que, porém, são características construídas socialmente. Essa construção influencia o modo como os seres humanos elaboram suas escolhas. Nesse contexto, perpassam o decorrer da vida das mulheres os seguintes enfrentamentos: violência, discriminação, ocupação de postos de trabalhos inferiores ao dos homens, dupla jornada de trabalho. A sociedade patriarcal deu uma imagem para as mulheres figurando servidão e subalternização.

Sendo assim, ser um homem velho ou mulher velha em nossa sociedade tem suas diferenciações. Salgado aborda que “[...] sabe-se que, em uma sociedade, é melhor ser homem do que ser mulher, ser jovem do que ser velho, portanto, ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado” (SALGADO, 2002, p. 12). A mesma autora afirma que:

[...] leva a aceitar a visão de que enquanto os homens de idade avançada são “durões, rudes e viris”, as mulheres estão “enrugadas”. Os cabelos brancos e a calvície que fazem os homens parecerem “distintos e muito atrativos”, mostram uma mulher em “decadência”. [...] que reforçam constantemente o poder que emana do patriarcado. (SALGADO, 2002, p. 11-12)

Para além de tudo que elas ouvem e vivenciam, ainda enfrentam sentimentos de inutilidade, provocados por toda essa mistificação e estereótipos existentes em nossa sociedade. Ou seja: “a não aceitação da velhice”; “eu não presto pra nada”;

uma baixa autoestima “olha como estou cheia de rugas, não tenho beleza”. As estruturas sociais exigem muito das mulheres fazendo com que essas rejeitem e neguem o próprio processo de envelhecer. Mas, o que é beleza? O que define o belo?

A velhice não deveria fazer parte desse intenso processo de cultuar ao corpo, porém o que ocorre atualmente é a intensificação desse processo, a busca constante por um corpo perfeito. Essa busca está para além das classes sociais, tendo grande influência pelo meio midiático. Este movimento tem encarcerado uma parcela da sociedade numa ditadura mercadológica e estereotipada da beleza, transformando seres diferentes em seres iguais esteticamente falando, sendo desrespeitosos com a natureza do corpo, em suas diferenças biológicas e culturais.

No Brasil, é crescente os investimentos com fins lucrativos direcionados à população idosa, não se mantendo apenas uma área, mas expandindo os horizontes, a fim de maior influência e demanda, como, por exemplo, produtos farmacêuticos, cremes antienvelhecimento; os serviços de telefonia, aparelhos hospitalares, turismo, aplicativo de entrega de compras, serviços como academias, instituições de longa permanência. São incontáveis os apelos realizados pelos aparelhos midiáticos para vender serviços e procedimentos estéticos, retardando ao máximo este processo natural do envelhecimento. Nos versos do poema “Retrato”, de Cecília Meireles, é retratada uma estranheza em relação à visão do rosto feminino modificado pelo tempo:

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida a minha face?
Cecília Meireles (MEIRELES, 1939, p.19)*

Atualmente, a regra é não envelhecer. Não somente a velhice por si só é indesejável, mas a finitude humana também, a negação da velhice não está presente somente no campo midiático. Esse afastamento também se dá no modo que recebemos a sua chegada, com receio e medo, devido exclusivamente ao modo pejorativo que a velhice é entendida na sociedade. Ocorre uma repulsa tão grande que nunca nos vemos como velhos, Simone de Beauvoir pontuou que a velhice é vivida na juventude como uma realidade apenas anunciada para um futuro não tão próximo, mas nunca em nosso presente.

Há necessidade urgente da desconstrução dos estereótipos colocado para a mulher idosa, em que posicionam o envelhecimento como algo ruim, pois a forma pela qual as mulheres encaram esse momento tem bastante influência pelo meio social em que estão inseridas. A sociedade precisa saber gozar do potencial dessas, que estão vivenciando esse momento e que possuem suas experiências de vida, o ser humano que envelhece ser visto e compreendido em sua ancestralidade.

3.3 As diferentes formas de envelhecer no mundo capitalista

Olha estas velhas árvores, - mais belas, do que as árvores mais moças,
mais amigas, tanto mais belas quanto mais antigas,
vencedoras da idade e das procelas[...] (BILAC, 1996)

Quando Olavo Bilac (1996, p. 336) escreve o poema “Velhas árvores” é perceptível em seus versos a sensibilidade ao observar a magnitude e as qualidades do envelhecimento humano, percebendo o passar dos anos com apreço, dando atenção para as experiências, sabedoria e a solidez da velhice .

Qual o lugar social dos mais velhos e mais velhas na sociedade? Há várias faces da velhice? As representações do envelhecer são múltiplas, fazendo surgir diversas velhices e diferentes representações a elas associada. O envelhecimento vai apresentar-se com diferenciações em Quilombos, Tribos Indígenas, em territórios camponeses agroecológicos, produzidos na luta pela terra, que foram constituídos por ocupações revolucionárias e iniciaram tradições libertárias, produzindo bases embrionárias da crítica da sociedade da mercadoria. São bases embrionárias de resistência, com potência emancipatória, que, se aprofundadas, podem produzir as condições da vida social livre, a partir de laços comunitários e criativos, bases de um

envelhecer distinto das massas proletárias, reduzidas à força de trabalho, que tiveram interditas o livre desenvolvimento de uma subjetividade criativa, destituída de experiências públicas em territórios comunitários não mediados pela mercadoria.

Os tempos de catástrofes permanentes atravessam os diversos processos de envelhecimento que formam guardiões de memórias ancestrais, marcadas por ensaios de resistência, testados pelo tempo.

Pensar sobre as várias faces da velhice presume dizer que em uma sociedade como a nossa com profundas marcas de hierarquização, as vivências do ser que envelhece irão variar de acordo com o *status social* do ser. Há necessidade de observar o contexto da velhice; de maneira que, ao aprofundar em tais estudos tem-se o privilégio, como destacou Sobrevila (2008), de contemplar a dimensão cultural nas teorias do envelhecimento.

O envelhecimento é um processo contínuo e comum a todos, porém é repleto de singularidade. O termo “idoso” irá abrigar diferentes traços específicos, uma vez que cada indivíduo envelhece de um modo. Essas diferentes faces da velhice se dão em virtude de inúmeros fatores, questões que envolvem onde vivem, como vivem e as culturas que os cercam.

Nas décadas de 1970 e 1980, no sudoeste mexicano, uma mulher camponesa ganhou enfoque, Maria Sabina, nascida em 1894, a sacerdotisa dos cogumelos alucinógenos. Seu contato com os cogumelos começou muito cedo, ainda quando menina. Era um dia qualquer do início do século XX, em Huautla-México. Maria e sua irmã estavam no campo, quando avistaram cogumelos sob o solo. Outrora já haviam ouvido falar destes fungos de forma respeitosa, através de seus avós. Curiosas, levaram à boca, recorda a curandeira no documentário “Maria Sabina, Mulher Espírito”:

Lembrei-me que os avós falavam destes fungos com grande respeito. Levei-os à boca e mastiguei-os. O sabor não era agradável, eram amargos, sabiam a raiz, a terra. A minha irmã Maria Ana fez o mesmo. Ficámos zonzas, como se estivéssemos bêbadas, e começámos a chorar. Mas depois sentimo-nos bem e ouvimos uma voz. Era uma voz doce, autoritária, como um pai que quer muitos os filhos, mas que os cria com força. Senti que tudo o que me rodeava era Deus. (ECHEVARRIA, 1979)

Logo após essa experiência, os mais velhos narraram para ela que os cogumelos davam sabedoria, remédios de cura, e que seus ancestrais os

consumiam. Terra de tradição Huautla, era, há séculos, local dos xamãs que usavam os cogumelos alucinógenos para curar as doenças do corpo e do espírito. Maria Sabina já sabia disso, possuindo antepassados curandeiros. A mesma relata ter tido um casamento arranjado muito nova e, com isso, teve que se afastar dos meios xamânicos. Teve dois matrimônios e, em ambos, ficou viúva. Nessa altura, com tudo o que sofrera, o seu chamado tornou-se mais forte: “ficar viúva pela segunda vez facilitou-me seguir o meu destino, que era ser sábia, curar com a linguagem dos meninos santos. Durante muito tempo algo me deteve, como nos detém esse medo que temos de nos entregarmos ao que fomos destinados.” (ECHEVARRIA, 1979). Sabina deixou seu rastro no mundo, reconhecida em sua comunidade, procurada para aconselhar e curar.

Nestes tempos de grandes transformações, que uma mulher tenha tanto conhecimento quanto queira ter, que aja de acordo e que deixe isso transparecer – é às vezes um ato de desafio; mas, ainda mais, é um ato de bravura decisiva, o que significa um ato de criação básica, mesmo que não seja inteiramente certo ou seguro, um ato de amor. O fato de uma mulher em processo permanente de tornar-se mais sábia estar constantemente se reenraizando na vida da alma é um extremo ato de liberação. (ESTÉS, 2007, p.61).

E, na atualidade, que maneiras há para se resistir em meio à tragédia da vida pública, que é uma vida baseada na centralização do trabalho, em crise? Os processos educativos são quase sempre voltados para a lógica do trabalho, que tende a reprimir a imaginação criativa, sonhos e planos que poderiam ser estimulados desde a infância para se imaginar novos mundos.

Por outro lado, em tempos de barbárie aprofundada, as experiências de resistência que mobilizam as tradições ancestrais libertárias, como no caso da luta pela terra no Brasil, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), cujo embrião da crítica radical, se aprofundado, tem a potência de refazer a vida pública, práxis que forma mulheres e homens, há quase 40 anos, em luta permanente por libertação.

[...] Tudo se conquista com luta e a luta educa as pessoas. [...] Por isto, manter os sem – terra em estado de luta permanente é uma estratégia pedagógica mais contundente produzidas no Movimento. [...], mas talvez o principal seja entender como esta grande luta se traduz nas pequenas coisas, quer dizer, em cada ação cotidiana esta

a marca da atitude de pressionar as circunstâncias para que elas sejam diferentes do que são. (CALDART, 2000, p.209).

A mobilização no interior do MST volta-se para que seus sujeitos não se acomodem perante às circunstâncias vividas. É primordial, pois entendem que a participação na luta social é indispensável para se constituir seres conscientes e livres.

Desse modo, este capítulo fora primordial para entender, que o envelhecimento, enquanto fenômeno social, deve ser compreendido como resultante de um conjunto de determinantes biológicos, econômicos, individuais, ideológicos e sociais, que ocorrem na correlação de forças e contradições alinhavadas pelo modo de produção vigente. Assim, as reflexões procuraram apontar os jogos de forças e relações de poder que envolvem as questões do envelhecimento na modernidade e que têm por finalidade contribuir para a desnaturalização do envelhecimento que tem sido posto, sob a imposição de uma nova imagem da velhice, baseada na superfluidade humana. Segundo Tótora (2006, p.29),

Não se trata de tomar os valores como dados, mas sim de interrogá-los. Que relação de forças os produziu? Qual o sentido dessas forças? Qual o seu efeito? Tais questões exigem que se abandone uma postura reativa, que aceita os valores estabelecidos e os justifica. Trata-se, pois, de problematizá-los.

Neste sentido, que tipo de experiência social formativa pode produzir seres humanos envelhecidos, como lugar privilegiado de testemunho e de narrativas da história de toda uma geração?

4 TEMPOS DE RESISTÊNCIA FRENTE À PERDA DA VIDA COMUNITÁRIA

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social, esta sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança.(FREIRE, 2008, p.91)

Paulo Freire agraciou-nos com muitas contribuições ao longo destes cem anos de história e esperança, não se detendo apenas em escritas teóricas, mas com seu exemplo de vida, mostrando que podemos lutar pelos mesmos ideais a vida inteira, inclusive nos tempos mais escuros e difíceis (FLECHA-GARCIA; PUIGVERT, 1998). Esse ensinamento é relevante, essencialmente, nesse período de incertezas que estamos atravessando, marcado pela banalização da vida, sendo um dever pensar criticamente, para que o passado doloroso não volte se repetir.

Perante às condições de catástrofes permanentes, em que estamos inseridos em diretrizes retrógradas, a palavra resistir e resistência devem estar intrínsecas à luta permanente por liberdade e emancipação, buscando formas de vivência com esperança perante a um mundo desesperançoso, próprio para aqueles que não se conformam com as circunstâncias vividas, em nossa capacidade reflexiva possa evitar catástrofes, a fim de romper com processos de alienação. Desse modo, é preciso a produção de resistência. Será a partir da experiência que haverá resistência. Por sua vez, é o local da memória ancestral, criativa, o campo que possibilita liberdade e ação.

Na maior parte das sociedades, a transmissão dos elementos culturais como ritos, tradição e os costumes são feitas de maneira oral e gestual, sendo os mais velhos que desempenham essa função fundamental para a sobrevivência e resistência de costumes e tradições. Nesse momento, a temática da resistência se alinha com a literatura e caminham lado a lado, aqui sendo apresentada em forma de poesia. De acordo com Bosi (1997, p.146):

A poesia resiste à falsa ordem, que é a rigor, barbárie e caos, [...]. Resiste ao contínuo “harmonioso” pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste

aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia.

Neste capítulo, será apresentada a literatura popular, na forma de poemas, contos e outras narrativas, como ato político, pois foram modos de representação das experiências de resistência à dominação social. A resistência promoverá espaços para que sujeitos silenciados tenham voz e liberdade criativa para transformar a realidade.

Em primeiro lugar, a poesia é uma forma de suportar o drama do apagamento do irresistível. Dizendo de outro modo (para torná-lo mais imediata aos nossos ouvidos), poesia é aquilo que explicita o drama da resistência, o drama do descompasso entre o que decidimos e o que queremos, entre o que julgamos e o que podemos ver. (SISCAR, 2012, p.6)

A barbárie, típica da modernidade, nos deixa pobres em experiências comunicáveis, quando aceitamos a imposição da história oficial, nos desvinculamos de nossa história de luta e resistência cultural. Desse modo, nos é restringido o acesso àquelas experiências que vão além da nossa individualidade e que apontam para uma sabedoria coletiva.

4.1 Experiência poética e resistência emancipadora

Pelas mãos e pelo desassombro de pessoas que
perceberam na poesia aquela sutil e misteriosa
habilidade para resistir à brutalidade dos
tiranos. E acender, ainda tênue, um lume de
esperança no coração dos que lutam (Pero Tierra)

A experiência adquirida é resultado de um processo de transmissão e educação coletiva, assim como fora abordado no decorrer da escrita, encontra-se registrada na memória dos seres. Por esse motivo, a ancestralidade tem suma importância em nossa existência. Tudo que absorvemos durante décadas, séculos são frutos das trocas de experiência que advêm dos “antigos”, sejam nossos pais, avós, familiares, amigos, são estes que ensinam boa parte da vida. No entanto, como escreveu Hannah Arendt, em “As Origens do Totalitarismo”:

Compreender não significa negar o ultrajante, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalizações tais que se deixa de sentir o impacto da realidade e do choque experiência. Significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocaram sobre nós – sem negar sua existência nem vergar humildemente ao seu peso, como se tudo o que de fato ocorreu não pudesse ter acontecido de outra forma. Compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido (ARENDRT, 2012, 21.)

“Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento,” com esta epígrafe, Hannah Arendt inicia seu texto “Entre o passado e o futuro (1972)”, abordando os legados que uma geração deixa a outra, sendo um manual imprescindível para que cada ser seja capaz de se posicionar no presente como sujeito de sua História. O legado cultural será o bem maior que cada ser possuirá, pois no relato de histórias de vida há a memória coletiva de um tempo. (CORREA, 2009, p.22)

Para tal, é necessário que as gerações sejam capazes de nomear suas relações, dar sentido a elas, assim, poderão ofertá-las àqueles que chegam ao mundo. É a sociedade consumista responsável pela perda da função social do idoso, o capitalismo traz, em sua essência, o apreço pelo novo, porque assim, promove a atualização do consumo, elemento primordial da sua sobrevivência. Sendo assim, descartar o que é velho, considerando-o ultrapassado, desgastado, inútil, obsoleto, é parte da lógica do capitalismo refletindo nas relações humanas, desse modo, retiram do velho o bem mais precioso, a memória de seu tempo: “o grande esquecido foi o sujeito da história do Brasil: o nosso homem comum. Não se cultiva a memória dele, não se recorda a sua obra” (CARRATO, 1987, p.3). CORREA (2009, p. 70) aponta que

Além disso, o culto aos valores jovens igualmente levaria à exclusão do idoso enquanto sujeito. Na realidade, o brasileiro não tem sabido envelhecer, e, influenciado, possivelmente, pela própria propaganda que cultua as qualidades e as forças dos jovens, tenta manter-se eternamente nessa faixa de idade, temendo e não aceitando o próprio envelhecimento.

Os tempos de catástrofes permanentes causam desesperança e, por isso, falar em resistência nos dias atuais adquire maior relevo. A conjuntura político-econômica do país está mais complexa, tornando-se mais desfavorável para a classe trabalhadora. Mas, é justamente nesse momento que é primordial recorrer às

experiências partilhadas por nossos ancestrais, pela troca dos saberes entre gerações, a fim de promover conscientização através do resgate da memória dos antepassados que vivenciaram décadas de repressão e violação de seus direitos. De acordo com Guita Debert,

a ideia de um país sem memória, que despreza o seu passado, usada por historiadores e políticos, é para o discurso gerontólogo a prova do descaso com que os velhos são tratados pela sociedade e uma justificativa central para os trabalhos interessados em recuperar a memória dos idosos. (2004, p. 200).

De acordo com Correa (2009), houve um “boom” em diversas pesquisas da década de 1980 sobre essa temática e talvez o maior impacto tenha sido a obra de Ecléa Bosi, intitulada Memória e sociedade (1987). Outra importante referência acadêmica sobre a velhice, a autora refere-se à memória de idosos na cidade de São Paulo, destacando o papel primordial da narrativa oral, que seria um trabalho artesanal de comunicação. De acordo com a mesma, o idoso estaria confinado em suas próprias lembranças por não encontrar ressonância no meio social: “[...] não podendo mais ensinar aquilo que sabe e que custou uma vida inteira para aprender” (p.37). O livro de Ecléa Bosi tem grande visibilidade no meio acadêmico. Outrora havia uma carência de trabalhos direcionados para questão da condição do idoso. Na década de 1970, Beauvoir, em seu livro, denunciava a desvalorização do idoso e convidava seus leitores a romperem com o silêncio sobre a subjugação e o desamparo vivenciados na velhice.

Na visão de Lévinas (2012), “pode-se dizer que o apelo do rosto do velho é um chamado irrecusável.”

É o chamado dos guardiões do nosso passado, da tradição e da história, da fonte viva da memória que, ao adentrarem na velhice, tornam-se um segmento da população marginalizada pela dependência e pela opressão. (PROCÓPIO; AZEVEDO, 2019, p.537)

Beauvoir (2018) afirma que “Os velhos foram sentenciados a um crime que não cometeram e julgados pela sociedade consumista e individualista, que os invisibilizou, calando suas vozes, impedindo-os de exercer em seus direitos, rebaixando a sua autoestima, transformando-os em párias”. Simone Beauvoir, ao escrever seu livro “A velhice”, coloca em foco que as pessoas que chegam na fase

da velhice, são homens e mulheres, cidadãos de direitos e deveres, que, após serem resumidos a força de trabalho, são descartados, pois já não tem mais serventia para sociedade capitalista; sociedade essa que desumaniza a velhice. Ao visitar asilos franceses, Beauvoir escandaliza-se com o que fora visto, a saúde deplorável dos operários e a desumanização destes. Os mesmos não tinham uma vida criativa e livre, esta sendo produtora de vida pública. A institucionalização dos mais velhos causa esse efeito da perda identitária, a ausência de uma vida comunitária repleta de trocas.

Outra contestação de Beauvoir foi que: “o regulamento dos asilos é muito rigoroso; levanta-se cedo, deita-se cedo. Separado de seu passado, de seu ambiente, muitas vezes com um uniforme, o velho perdeu toda a personalidade, não passa de um número” (2018, p. 317). A institucionalização causa esses impactos negativos no meio social, mostrando o quão maléfica a sociedade pode ser para os idosos. Bosi comenta em seu livro sobre a descontinuidade, o desenraizamento e as rupturas nas relações das pessoas. Para isso, a mesma utiliza-se do pensamento crítico e reflexivo que dialoga com Simone de Beauvoir:

As árvores que o velho planta serão abatidas. Quase em toda parte a célula familiar explodiu. As pequenas empresas são absorvidas pelos monopólios ou se deslocam. O filho não recomeçará o pai, e o pai sabe disso. Ele desaparecido, a herdade será abandonada, o estoque da loja vendido, o negócio liquidado. As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo (BEAUVOIR, 1970 *apud* BOSI, 1994, p. 77).

O movimento de refazer a vida pública, nesse caso, é essencial nas lutas atuais das massas sobrantes na periferia do capitalismo, que produzem ocupações no campo e na cidade, tais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), no Brasil, que têm o potencial de refazerem a vida comunitária, em seu lugar criativo.

No ato de refazer a vida pública, mulheres e homens protegem a memória, ou seja, guardam o originário, as memórias dos mais velhos e as transmitem. Munduruku escreve que a memória é a vida e que ela é “sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução.”

Como a memória é a base desse trabalho, percebemos que Munduruku (2001) recorre a ela para lembrar-se, para que o esquecimento não seja avivado pelo silenciamento.

Marx, diferentemente de Hegel, aborda que “não é a consciência social que determina seu ser, mas pelo contrário, o seu ser social que determina a consciência” (MARX, 2003, p. 05). Ou seja, é preciso buscar formas de organização social que venham se contrapor as relações sociais opressoras do sistema capitalista. Em relação a isso, Freire nos diz que:

Para que se esgote o seu poder inibidor é necessário que as novas relações humanas, características da estrutura recém – instaurada e baseadas numa realidade material diferente, sejam capazes de criar um estilo de vida radicalmente oposto ao anterior. (FREIRE, 1982, p.33)

Por isso, a comunidade, nessa perspectiva, assume esse papel. É um espaço que pode fazer o contraponto no que diz respeito às relações sociais de opressão. O desafio que permanece é inverter a lógica que cisma em nos assombrar e produzir uma cultura de resistência, que leve os diferentes sujeitos a socializarem suas relações numa perspectiva freiriana de libertação.

A narração, como afirma Gagnebin (1999), é uma questão importante para a constituição do ser, exatamente por possibilitar a experiência de rememoração, através da palavra, de um passado que possivelmente perdera-se com o silenciamento. A autora também relembra o declínio da experiência e da narrativa tradicional, apresentado por Walter Benjamin (1994) e que já fora apresentado no decorrer desse trabalho, bem como seus efeitos nas profundas mudanças da percepção coletiva e individual.

Domingos, em seu artigo “O envelhecimento, a experiência narrativa e a história oral: um encontro e algumas experiências”, pontua perfeitamente o lugar do ser que envelhece no contexto atual, considerando a velhice um lugar privilegiado da narrativa oral de histórias. De acordo com Gagnebin (1999, p.63),

como descrever esta atividade narradora que salvaria o passado, mas saberia resistir à tentação de preencher suas faltas e de sufocar seus silêncios? Qual seria esta narração salvadora que preservaria, não obstante, a irredutibilidade do passado, que saberia deixá-lo inacabado, assim como, igualmente, saberia respeitar imprevisibilidade do presente?

A importância da retomada da narração e da velhice como experiência narrativa se justifica, também, pela construção de um novo tipo de narratividade que passa, por um lado, pela admissão de vários desenvolvimentos possíveis de uma mesma história. Esse ponto retoma aos dois grupos de narradores abordados por Walter Benjamin, em “O Narrador”:

Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 1994, p. 198)

Ao narrar a própria história, o passado e o presente transitam juntos o tempo todo e, de fato, o ser que envelhece é tanto “Marinheiro” quanto “Camponês”. Ele é colecionador de experiências, por isso, devolver aos mais velhos a condição de guardiões é garantir-lhes um sentido social, na medida em que passam a se sentir parte do contexto em que vivem, por meio da narrativa de suas experiências e significados pessoais. A narrativa é composta daquilo que foi lembrado, de como foi narrado, em que circunstâncias foi evocado, e está sujeita a esquecimentos, por isso, mantém um vínculo estreito com a memória.

Nesse sentido, a poesia é um instrumento altamente eficaz. Nela, encontramos as representações sensíveis do sujeito, capazes de resistir a qualquer processo autoritário. Por isso, é importante trazer para este trabalho que as lutas populares produzem a base material da formação do sujeito histórico. As vivências do sujeito que resiste contribuem para uma nova leitura de mundo, tal como Paulo Freire denomina este movimento como “Desvelamento de mundo”.

Assim, como no caso dos poetas e poetisas do MST¹⁰, que retratam em seus versos as lutas pela terra e experiências do campesinato, a poesia dialoga criticamente com a realidade vivida. Para Caldart (2017), os poemas do MST produzem elementos que contribuem no processo pedagógico da composição da militância, dando consciência à luta pela terra. Um exemplo magnífico nesse sentido é a obra poética de Luiz Beltrame de Castro conhecido como Luiz Poeta, um poeta revolucionário, símbolo da luta pela terra, marchou pelo MST e narrou em versos e

¹⁰ Para compreender melhor a narrativa do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, utiliza-se a dissertação de mestrado “Gerações no movimento do Movimento: um estudo do envelhecimento no MST” (SILVA, 2008).

melodias sua história, o amor pela vida e pela luta foram registrados em seus poemas. Em 1984, escreveu¹¹

*Eu quero o Brasil com tudo
com saúde e educação.
Eu quero a liberdade pra toda população.
Um Brasil onde os sem-terra
tenham um pedaço de chão
(CASTRO, 1984, n.p)*

Nascido em 1908, ainda menino migrou para São Paulo, em busca de trabalho, nunca frequentou escola, mas isso não o impossibilitou de memorizar poesias. Somente em 1991, concretizou o sonho ao chegar ao Assentamento Reunidas, em Promissão, no estado de São Paulo. Vestiu a roupa do MST e se apresentou mais que um poeta Sem Terra e sim um militante da Reforma Agrária. Em seus poemas, a terra sempre foi um ideal presente, não somente para si, mas para todos, participante fiel de muitas marchas em prol da reforma agrária.

*A MARCHA DE 1998
Sorocaba a São Paulo
- 1998-*

*Os sem-terra e os sem teto
Fizeram uma marcha completa
Muito bem organizada
Se uniram com os sem emprego
Também com os sem sossego
Marchando com os sem nada
Os sem serviço e garantia
Os sem dinheiro e os sem moradia
Todos unidos contra aqueles
Do Palácio da Alvorada*

*Foi uma marcha bonita
Foi até gravado na fita
Pois foi bem organizada*

*Eu tenho orgulho em dizer
Que estando com o Movimento
Para mim não falta nada
No segundo dia de viagem
Com muita chuva e friagem
Fizemos a primeira parada
Eu longe de meus parentes*

¹¹ Poema escrito em 1984, sendo retirado da página do MST.org não sendo encontrado o título da obra e nem de onde foi extraída.

*Mas estava muito contente
Com essa boa companheirada
Com os mesmos pontos de vista
Foi na Avenida Paulista
O fim desta caminhada*
(CASTRO, 1998, n.p)

Apesar das incertezas, nunca esmoreceu da luta pela terra, seus poemas denunciavam injustiças sociais e reivindicava mudanças em nosso país. Porém, partiu aos 107 anos sem ver a tão sonhada reforma agrária acontecer. A inspiração permanece e fora deixado um legado com ideais libertadores em forma de resistência e luta.

Assim como o grande Luiz poeta, há centenas de percussores da resistência em nossa história, que denunciam em seus versos as discrepâncias sociais existentes entre as classes. A resistência aqui repetida em muitas linhas deve promover espaços em que o discurso conservador não consiga penetrar, produzindo impacto social e revertendo situações da banalização da vida. A arte de narrar, cantar, é a mais pura e sensível, sensibiliza mais do que explica. De acordo com Diniz, em seu artigo “Trajetórias de vida e poesia: poetas e poetisas do movimento dos trabalhadores rurais sem terra em Rondônia”,

A poesia, a música e arte são transformadas em instrumentos pedagógicos pelo MST, a poesia possibilita retratar a realidade e as experiências das pessoas e do movimento social. Assim, a escrita da poesia em si atribui significados à realidade e às vivências dentro do MST. (DINIZ, 2022, p.6)

Mais adiante, Diniz afirma que “A arte e a poesia são ferramentas pedagógicas que emergem da realidade das comunidades. Portanto, a poesia e a arte tornam-se símbolos de resistência e luta.” Deste modo, fica entendido que será através do ato de escrever que as lutas se transformam em palavras, dando luz aos poemas, canções e contos. Desta forma, [...] “participa diretamente dos processos de libertação do povo (ou classes subalternas) e, assim fazendo, põe em questão a dimensão política da arte em geral e o seu próprio modo de produção em uma sociedade capitalista” (CALDART, 2017, p. 171). O ato de escrever aguça o interesse de outros indivíduos dentro do movimento, despertando o poeta/poetisa adormecido, incentivando-o a escrever sobre suas realidades e experiências vividas dentro do MST. Ou seja, o poema será instrumento de crítica política, tanto no

pensamento individual como no coletivo. Desta maneira, será por meio da poesia que os interlocutores apresentam suas realidades e suas interpretações críticas da realidade, embora a experiência que torna necessária a crítica radical não possa ser matéria para a poesia contemplativa. Assim, Edivaldo Souza Prates, apresenta, em versos, um chamado à recusa da dominação, à justiça social e à continuidade da luta.

*Sonho de justiça
(Edivaldo Souza Prates)*

*Ao meu povo brasileiro
A verdade eu vou contar
Do que aconteceu na cidade
Lá no Sul do Pará*

*Essa cidade é conhecida
E todos já ouviram falar
Pois ela é chamada
Eldorado Carajás*

*Na BR 150
Bem pertinho de lá
Aconteceu um fato triste
Mas precisamos lembrar*

*O sol estava quente
Posso garantir a vocês
Era dezessete de abril
E o ano noventa e seis*

*Naquele dia a polícia
Chegou sem compaixão
E os tiros foi se ouvindo
E os corpos caindo ao chão*

*Havia marca de pólvora
Veja só que coisa louca
Isso indica que tiros
Tinha sido a queima roupa*

*21 pessoas mortas
Não se sabe a razão
Usaram armas potentes
Além de foice e facão
69 feridos
Nessa grande tirania
Por isso até hoje
Vivem em grande agonia*

Almir Gabriel e Paulo Câmara

*Era os fulanos de tal
Foi eles que autorizaram o uso
Da força policial*

*Essa tragédia pra justiça
Está caindo em esquecimento
Quase todos os culpados
Não foi levado a julgamento*

*20 anos se passaram
E os movimentos só se une
Eles estão pensando que este fato
Vai ficar assim impune*

*Tanto sangue derramado
Pra conquistar nossos direitos
Iremos dizer pra justiça
Que lutar não é defeito*

*Vamos todos juntos pra luta
E esquecer isso jamais
Viva o MST
E Eldorado Carajás*

(PRATES, 2009, p.11)

O poema “Sonho de Justiça” faz referência ao Massacre ocorrido em Eldorado do Carajás, município no estado do Pará, onde foram assassinados 19 sem terras, na data de 17 de abril de 1996, em uma ação policial. Edivaldo denuncia, por intermédio de seu poema, os atos truculentos de violências sofridas pela população dos assentamentos. Em seu poema são colocados seus sentimentos de revolta diante de tal atrocidade ocorrida com seus companheiros de luta. Os poemas, como fruto das experiências pessoais, exteriorizam a consciência política do poeta e contribuem diretamente com a constante luta pela terra. São símbolos de resistência e instrumentos pedagógicos para o MST.

Roseli Caldart aponta que a poesia é o ato de formação do manifesto, pois “[...] quando cria versos, o Sem Terra está satisfazendo uma necessidade humana essencial que é a de produzir cultura, ou seja, produzir significados para suas experiências cotidianas” (CALDART, 2018, p. 158). Sendo assim, são representadas em cada verso as experiências políticas em forma de luta.

Analisar outros poetas dentro desse capítulo é valioso e enriquecedor, pois sentimos representados ao ler os poemas. Será nas linhas escritas que será possível compreender sua consciência política, o que automaticamente determinará os contextos dos poemas. Nos poemas escritos pelo poeta Patativa do Assaré,

Antônio Gonçalves da Silva, homem que viveu ao lado do Povo, e foi Poeta do Povo, será possível perceber tais relações em seu processo de escrita. Algumas são escritas no que o próprio autor qualifica de linguagem cabocla, o linguajar da rude gente sertaneja, a genialidade simplória permanece na história e se firma. Assim, são suas palavras que ecoam até os dias de hoje, mantendo-se bem vivas, assertivas e educativas. Poeta autêntico e puro, fonte que jorra inesgotavelmente de seus ensinamentos, mostrando-nos o gênio que é com suas tendências, liberdade, em toda sua natural desenvoltura.

*Patativa descontente,
Nesta gaiola, cativa,
Embora bem diferente,
Eu também sou Patativa.*

*Linda avezinha pequena,
Temos o mesmo desgosto,
Sofremos a mesma pena,
Embora, em sentido oposto.*

*Meu sofrer e teu penar
Clamam a Divina Lei.
Tu, presa para cantar
E eu preso porque cantei.¹²
(Poema retirado do livro *Patativa do Assaré melhores poemas*)*

Em 1943, logo após sua curta prisão por fazer críticas ao Prefeito, Assaré avistou uma gaiola com um passarinho, uma patativa, então resolveu compor este verso que o comparava com o pássaro, um verso que surge através do olhar. O poeta já fazia versos de denúncia e criticava a desigualdade social, não sendo diferente no período ditatorial, a partir do golpe de 1964; se posicionou contra a ditadura, sendo inclusive ameaçado de prisão, nessa época teve censurado alguns dos seus trabalhos. Sua poesia social foi voltada para o ser humano, tratando o cotidiano com grandeza, seus poemas incitam atitudes de resistência. Pagano aponta que “a poesia é comunicação e instrumento de luta. A escrita poética tem função provocadora ao articular processos de resistência e projetos de libertação” (PAGANO, 2018).

A essência da poesia de Patativa sempre foi em defesa do homem livre. Sua poesia, assim como de muitos outros, são ricas em experiências e sentidos,

¹² Trechos do poema “Assaré” encontrado na obra de ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração Nordestina: cantos de Patativa*, p.43-50.

sobretudo experiências com marcas daqueles que mais sofrem as contradições e injustiças sociais da vida.

A resistência precisa começar a ser trabalhada primeiramente na dimensão do imaginário, resistindo aos atos truculentos que buscam sequestrar nossos ideais e desejos, sonhos e projetos, preservando os sentidos. Ao entrar em contato com as vivências narradas no decorrer deste trabalho, fica nítido que há sempre possibilidade de novos sentidos sobre o mundo à nossa volta. Deparar com fatos, circunstâncias e pessoas que revelam nosso jeito de ser e de viver, permite reconstruir vivências e experiências do passado com palavras ditas no presente, e isto não significa aprisionamento de um momento passado, mas conduzir-se de forma mais segura e sabia para o futuro.

É um desafio histórico produzir ou encontrar uma cultura de resistência, que leve diferentes sujeitos, inclusive os mais velhos, a terem experiências ricas de sentido para serem narradas e transmitidas, em relações sociais constituídas numa perspectiva freiriana de emancipação e libertação. A resistência aqui produzida será a que transforma vidas, e, como resultado, tem-se o desenvolvimento de novos contadores de história e narradores.

O autor Cléo Busatto desenvolve seu estudo partindo do princípio do retorno das narrativas orais, tratando a narração de histórias como parte de um processo fundamental para que, assim, aconteça, no século XXI a revolução pelo reencantamento do mundo, no sentido da constituição cultural do desejo de transformação e liberação das potências geradoras de vida. Busatto discorre que:

É nesse panorama que vejo a contação de história como um instrumental capaz de servir de ponte para ligar as diferentes dimensões e conspirar para a recuperação dos significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias, tolerantes, dotadas de compaixão e capazes de “estar com”. {...} Vejo o contar história como um ato social e coletivo, que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva. (BUSATTO, 2007, p.1)

Não há prazer maior do que ouvir uma boa história que nos prende, do começo ao fim, deixando um gostinho de quero mais, onde cada palavra, cada gesticulação ecoa em nosso imaginário, nos levando a adentrar na narrativa. Talvez seja nesse momento que é produzido o tecido invisível desenvolvido entre narrador e ouvinte, da forma artesanal de comunicação.

Bedran (2010, p.10), com base em Benjamin, aponta que:

Ao dizer que ninguém mais fia ou tece enquanto ouve uma história, o filósofo trabalha com o conceito de que o dom narrativo foi tecido e guardado há milênios numa rede: a arte de narrar transmitia-se naturalmente mergulhada na experiência, matéria de uma tradição, onde entram em conjugação a memória e seus conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo. Esta rede há milênios tecida se desfia por todos os lados.

Nas palavras de Benjamin, “a experiência ela sempre fora comunicada aos jovens com a autoridade da velhice, em provérbios, em narrativas diante da lareira, contadas a pais e netos”. Em seu ensaio intitulado “Experiência e pobreza”, de 1933, pergunta, “que foi feito de tudo isso?”. A crítica do fim da narrativa teria a ver com a extinção das experiências dignas de serem intercambiadas. O período da escrita deste ensaio é no momento da ascensão de Hitler ao poder, então, o autor afirma que as experiências estariam em baixa. No período pós-guerra, os combatentes voltavam dos campos de batalhas mais pobres de experiências comunicáveis. O que havia era uma geração traumatizada, seus frágeis corpos perante máquinas de guerras destrutivas contra suas próprias vidas, experiências com gosto de morte. Não há o que ser transmitido, não é útil para a narração.

Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 1994, p.198)

Benjamin percebe, então, o declínio da experiência humana, em consequência das mudanças ocorridas mundialmente, a vida moderna fez ruir a vida pública, a vida compartilhada. Desse modo, para ele, “a arte de narrar faz-se cada vez mais rara porque ela nasce da transmissão de uma experiência cujas condições de realização na sociedade capitalista moderna torna-se impossível”, abrindo um abismo entre as relações humanas e as experiências narráveis. Talvez o que Benjamin nomeava como “atrofia da experiência” em seus ensaios, no início do séc.XX seja o mesmo processo que produziu a banalização da experiência. “Há uma rivalidade histórica entre as diversas formas de comunicação. Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação, reflete-se a crescente atrofia da experiência”. (BENJAMIN, 1989, p.107). Da mesma maneira,

Bosi observa que:

O receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação. A comunicação em mosaico reúne contrastes, episódios díspares sem síntese, é a histórica, por isso é que seu espectador perde o sentido da história. (BOSI, 1994, p. 87).

Em seu livro intitulado *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, Ecléa Bosi (1994), diz que “há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade [...] neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade”. Há sociedades nas quais a figura do ancião é o maior bem social, este possuindo um lugar central, em que suas experiências são primordiais. Segundo Bosi (1994, pp. 76-77),

uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo não restou nenhuma avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de tronco para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado.

Observe que tais memórias foram capazes de refazer os laços comunitários compartilhados; graças à experiência da escuta, a conversa com o ancião pode ser uma experiência profunda, perceptível. Segundo Silva *apud* Bosi (1994), “em algumas dimensões da cultura e da educação dos adultos não alcançariam a sua plenitude: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram; o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram”. Se por um lado tem-se a memória feita de hábitos e tradições, há outra que revive o passado para que não se perca, esta sendo a memória dos “velhos”.

Uma coisa é certa, se recorrermos à memória de nossa infância, verificamos que talvez tenha sido em uma tarde de outono, ou inverno? Quem sabe verão, em

uma grande casa, ou em um quarto pequeno, a beira da cama ou em um aconchegante colo, ah... não importa, o que interessa aqui é que o primeiro momento com a experiência de algo vivido ocorreu, o compartilhamento de memórias existiu, e possivelmente teve seu início na infância, que grande parte das situações simbólicas em nossas vidas puderam se apresentar ainda quando crianças.

No estado da Bahia, em 2019, ocorreu um concurso para escritores escolares de poesia e redação, uma criança do 3º ano do ensino fundamental ganhou o 1º lugar do prêmio deste concurso, com a poesia “Sem Terrinha Valente”. O ponto aqui é uma criança que, em sua poesia, trás experiências vivenciadas, experiências territoriais e de luta, em que se pode localizar a perspectiva de futuro e produção de resistência. O desejo de um futuro livre e emancipado na elaboração delicada e artesanal de uma criança de 9 anos, que colheu memórias coletivas e pessoais e assim fez surgir sua poesia:

Sem Terrinha Valente

Sou Sem Terrinha e dessa luta não abro mão
Antônio Conselheiro é minha morada
Ergo a bandeira de coração.
Sei da luta dos meus e muitas ainda virão
Na força ou na marra ajudarei essa nação
Luto por terra, saúde e educação
E não adianta dificultar, dos meus direitos não abro mão
Viva Antônio Conselheiro e Abaré linda flor do sertão.
(SANTOS, 2019 p.1)

Assim, vê-se a importância da construção de uma memória histórica que contém traços de uma identidade coletiva e, ao mesmo tempo, revelam vivências individuais, caracterizando-se como essenciais para a resistência e sustentação do movimento. Conseqüentemente, a memória será a construção feita no presente, a partir de vivências ocorridas no passado, memórias individuais e coletivas se complementam. Não somos seres isolados, portanto, estamos sujeitos a compartilhar memórias deixadas em nós, bem como influenciar a comunidade a que pertencemos, mobilizando tradições ancestrais libertárias para a transformação da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.

Ecléa Bosi

O presente trabalho teve como seu objeto central colocar em foco o envelhecimento e a riqueza desse precioso momento vivido por tantos e quais são seus reflexos na sociedade contemporânea. Finalizo este trabalho com inúmeras indagações e o sentimento de que “faltou algo a mais”, ou, “será que é isso mesmo?” Desse modo, finalizo com dúvidas e questões não respondidas. O processo de escrita foi um desafio, causando frios na barriga em cada parte.

Tendo como ponto de partida a crítica do capital, que traz uma inversão, onde trabalho vivo é apenas um objeto. No capitalismo, a força de trabalho é tratada como uma mercadoria, uma propriedade, que o capitalista detém para seu próprio benefício, o trabalhador não tem outra escolha a não ser vender sua força de trabalho para a produção do capitalista.

Por conta da alienação produzida, esse trabalhador não reconhece seu trabalho no objeto que ele mesmo produziu, não reconhece sua força de trabalho naquele produto. O capitalismo age com intuito de dominar o trabalhador, ocasionando dependência e alienação. Com isso, desafios são postos a todo momento, para a parte da população que vive um intenso processo de exclusão social, sobretudo no processo de envelhecimento. Na tentativa de administração dessas condições, faz-se necessária a proteção social: saúde, previdência e atenção à população idosa.

O Serviço Social possui um projeto ético-político pautado na construção de uma nova sociedade, sem dominação e exploração, buscando a consolidação da cidadania, liberdade e democracia, focados no projeto societário de emancipação humana. Assim, é imperativo ético-político do Serviço Social a resistência aos processos de dominação, nos sentido de se vislumbrar na história outras escolhas, que estão além do que fora posto como destino.

De acordo com Duarte,

mesmo em tempos de retrocessos, formas de resistência individuais e coletivas conseguem se sobressair e, nelas, o trabalho de análise da realidade e conjuntura das entidades organizativas do Serviço Social se constitui como essencial subsídio para a construção coletiva de ações e enfrentamentos. (DUARTE, 2018, p.1)

Sendo assim, Duarte discorre que a dimensão da resistência política não se constitui como um movimento sequencial, mas dinâmico, contraditório, marcado por avanços e recuos, “entendidas numa relação dialética que favorece, potencializa e oxigena nosso movimento de aprender e atuar profissional e politicamente nas contradições e de seguir qualitativamente melhor” (SANTOS, 2010, p. 704).

Porém, para a realização dessa proteção, precisamos ir na raiz do problema, a crítica da experiência social que produz o envelhecimento nessas circunstâncias. Para Benjamin, escovar a história a contrapelo significa pensar a história de uma outra forma. Para Löwy (2005, p. 74),

a expressão tem duplo significado, um histórico e outro político. No primeiro, trata-se de ir contra a corrente da versão oficial da história, opondo-lhe a tradição dos oprimidos, afinal a continuidade histórica das classes dominantes como um único e enorme cortejo triunfal, ocasionalmente é interrompida por sublevações das classes subalternas. Outro significado é político, dado que a redenção/revolução não acontecerá graças ao curso natural das coisas, o "sentido da história", o progresso inevitável, mas será necessário lutar contra a corrente. Deixada à própria sorte, acariciada no sentido do pelo, a história produzirá mais guerras, novas catástrofes, novas formas de barbárie e de opressão.

É preciso repensar a importância dada à memória enquanto repositório de séculos de história. Nesse sistema, em que a sociedade capitalista inviabiliza o reconhecimento das lembranças e memórias dos mais velhos. Verificamos as perdas anunciadas por Walter Benjamin, em seu texto “O narrador”, disseminadas no processo histórico de aprofundamento da dominação abstrata, que tende a extinguir as experiências narráveis, mas também banaliza a leitura do cotidiano e dilui a capacidade que temos de nos apaixonarmos pela vida e de nos surpreendermos a cada instante com os encantos presentes, nos atos de rebeldia que se destacam dos processos automáticos de dominação.

Nessa linha, a conversa evocativa de um “velho” será sempre uma experiência profunda: “repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é

semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual” (BOSI, 1998, p. 82).

Quando Benjamin trata da questão da tradição, está referindo-se ao processo da experiência adquirida coletivamente e, ao mesmo tempo, percebida individualmente. Segundo ele, o narrador é um homem que sabe dar conselhos, e o conselho é tecido na essência da experiência: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Nesse sentido, compreende-se que o sentido de riqueza e pobreza exposto por Benjamin seria a riqueza rica de termos culturais, seria a emancipação do ser, seria uma produção de riqueza que advém da experiência, a experiência digna de ser transmitida para futuras gerações, essa ligação alguma tem com a riqueza capitalista.

Nesse sentido, escovar a história a contrapelo é um ato de recusa de nos ajuntarmos ao cortejo triunfal que prossegue em passos firmes sobre os que jazem a terra, que venhamos marchar sim, mas na contramão, contra a corrente de uma única história, no sentido oposto da história que faz oprimidos, e produza a liberação da experiência livre, consciente, criadora de vida pública emancipada, portanto, narrável.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSARÉ, P. **Cante lá, que Eu Canto cá**. Petrópolis: Vozes, 1978.

ALVES, G. **Colapso Ambiental, Saúde e Envelhecimento**: As Contradições Metabólicas do Capital no Século XXI. 1.ed.-Marília, SP: Projeto Editorial Práxis, 2021.p:118-151. Disponível em : <http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2021/07/TRABALHO-SAUDE-E-BARBARIE-SOCIAL.pdf>. Acesso em 22 out. 2022.

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2018.

BEDRAN, B. **Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas orais**: A arte de cantar e contar histórias. Niterói, 2010. Disponível em: http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2010_bia_bedran.pdf. Acesso em 17 fev. 2023.

BENJAMIN, W. **Sobre arte, técnica, linguagem e política** Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992

BENJAMIN, W. **Experiência e Pobreza**. In: *Mágia e Técnica, Arte e Política*. Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras Escolhidas: Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987

BILAC, O. *Antologia : Poesias*. São Paulo : Martin Claret, 2002. *Alma Inquieta*. (Coleção a obra-prima de cada autor).

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, A. O ser e o tempo da poesia. **Discurso**, [S. l.], v. 3, n. 3, 1997. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.1972.37739. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37739>. Acesso em: 08 ago. 2022.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2007

CALDIN, C. F. **Voz, presença e imaginação**: a narração de histórias e as crianças pequenas. *Encontros Bibli. Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, n. 13, UFSC, Florianópolis, 2002.

CALDART, R. S. **A Pedagogia do Movimento Sem Terra é mais que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000

CALDART, R. S. **Sem Terra com poesia**: A arte de recriar a história. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa**:

um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

COELHO NETTO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997. v. 1. p.383

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social** /Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, 2008.196 p. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2009/05/livro_envelhecimentoFINAL.pdf. Acesso dia 01 de jan. 2023.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125 p. ISBN 978-85-7983-003-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

CUNHA, M. Z. da. **Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Editora Humanitas; Paulinas, 2009

Da flor o afeto, da pedra o protesto. 1.ed. e 2.ed. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1981. (poesia).

DEBERT, G. G.. Feminismo e velhice. **Revista Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, 2013, n. 22, p. 18-35

DEBERT, G.G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tradicao/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

DINIZ, V. D. **Trajetórias de vida e poesia: poetas e poetisas do movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra em Rondônia**. Rondônia, 2022. Disponível em < <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/3863>>. Acesso em 06 de dez. 2022.

DOMINGUES, A. R. O envelhecimento, a experiência narrativa e a história oral: um encontro e algumas experiências. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 14, n. 31, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X2014000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 ago. 2022.

DUARTE, J. **Resistência e formação no Serviço Social: ação política das entidades organizativas**. Brasília, 2019. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/0101-6628.171>>. Acesso em 13 de jan. de 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008

ECHEVARRÍA, N. (1979). **María Sabina: Mujer Espíritu**, México: CONACULTA. -

IMCINE.

ESTÉS, C. P. **A Ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Rio de Janeiro: Rocco, 2007

ELIOT, T. S. **Notas para uma definição de cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ESTÉS, C. P. **O dom da história**: uma fábula sobre o que é suficiente Rio de Janeiro: Rocco, 1998

EVARISTO, C. **Literatura negra**: uma poética da nossa afro-brasilidade. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. PUCRJ, Brasil

FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2000. 204 p

GALLAND, A. **As Mil e Uma Noites**. Apresentação de Malba Tahan. Tradução: Alberto Diniz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002

GIORDANO, A. **Contar histórias**: um recurso arteterapêutico de transformação e cura. São Paulo: Artes Médicas, 2007

GRIMM, J. W. **CONTOS**. São Paulo: Cultrix, 1963

HADDAD, E. G. M. (2016). **A ideologia da velhice**. (2a ed.). São Paulo, SP: Cortez.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva**. In: Joseph Ki-Zerbo (ed.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev., Brasília: UNESCO, 2010.

IAMAMOTO, M. V. e CARVALHO, R. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**. 41 Ed. São Paulo, Cortez, 2014.

KI-ZERBO, J. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

LÉVINAS, E. (2012). **Humanismo do outro homem**. (4a ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

LIMA, D. F.C. **Herança cultural (re)interpretada ou a memória e a instituição museu releitura e reflexões**. Museologia e Patrimônio. Rio de Janeiro, vol. 1, n.1, 2008, p. 33-43.

LÖWY, M. **Redenção e utopia**: o judaísmo libertário na Europa (um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAUSS, M. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARX, K. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro Primeiro: o processo de produção do capital. 5.ed. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

MELLON, N. **A Arte de Contar Histórias**. Tradução: Amanda Orlando e Auly de Soares Rodrigues Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006

NASCIMENTO, G. **Feitio de viver**: memórias de descendentes de escravos. Londrina: Eduel, 2006

NETTO, J. P. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. 8 Ed. São Paulo, Cortez, 2011.

NETTO, M. P. **O Estudo da Velhice**: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In:Freitas, E. V. Tratado de geriatria e gerontologia. (3aed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2013.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. In.: Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história – Projeto história nº 10, PUC/SP, 1993.

PAGANO, E. De lo imposible utópico a lo posible real: poemas del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra de Brasil. Tesis de maestría. Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Uruguay, 2018. Disponível em: <https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/handle/2050012008/18870>. Acesso em 12 de fev. 2023.

PORTELLI, A. **Forma e significado na História Oral** – a pesquisa como experimento em igualdade. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC - SP. São Paulo, (14), p. 7-24, fevereiro de 1997. Disponível em: <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/Fabiano-Coelho.pdf>. Acesso em 18 de fev. 2023.

PROCÓPIO, L.R.B., & Azevedo, L.G.N.G. (2019). **A influência e as repercussões da obra A Velhice, de Simone de Beauvoir, na produção literária brasileira sobre o tema do envelhecimento**. Revista Kairós-Gerontologia, 22(2), 535-553.ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

RESISTIR. In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/resistir/>>. Acesso em 06 de agosto de 2022.

RODRIGUES, L. G. **A arte das narrativas orais urbanas**: performance, história, memória e ficção. Porto Alegre: UFRGS, 2010

SALGADO, C. D. S. **Mulher idosa**: a feminização da velhice. Tradução de Sergio Antônio Carlos; revisão de Breno Serafini. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v.4, p.7- 19,2002.

SAMPAIO, D. A. OLIVEIRA, B. J. F. **Memória, museus e ciência da informação**: uma perspectiva interdisciplinar. *Biblios, Peru*, n. 52, p. 35- 42, 2013.

SANTOS, J. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Nova Iorque, 1989.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, P. **A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice**. In. M. Goldenberg (Org.), *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, pp. 83-108.

SILVA, C. M. M. da. *Pedro Terra, o poeta da resistência: os Poemas do povo da noite e a poesia de testemunho*. 2017. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) —Universidade de Brasília, Brasília, 2017

SILVA, S. **Sem Terrinha Valente**. Coletivo de comunicação MST. Bahia, 2019. Disponível em: < <https://mst.org.br/2019/12/08/sem-terrinha-sabrina-ganha-o-1olugar-do-premio-de-redacao-e-poesia-na-bahia/>>. Acesso em 19 de fev. de 2023.

SILVA, K.M. **Gerações no movimento do Movimento**: um estudo do envelhecimento no MST. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 139f. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14825>. Acesso em: 01 fev. 2023.

SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade**: a marginalização do corpo idoso. 3. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1998

SISCAR, M. **Tome seu café e saia**, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2001.

SMOLKA, A.L.B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, 21. 71, p.166-193, 2000.

SOUSA, A. L. M.; BUFREM, L. S. Contar e ouvir no cariri cearense: memória, oralidade e os contadores de história. **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103602>. Acesso em: 19 jan. 2022

SOUZA, L. **Contações de história na região do cariri cearense**: memória, identidade cultural e a mediação da leitura. Recife, 2017.

SOUZA, A. L. S. *et. al.* **De olho na cultura**: pontos de vista afro-brasileiro. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1. 326

TIERRA, P. **Poemas do povo da noite**. 3. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, R. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Trad. por Paulo Henrique de Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.